

REVISTA

EDIÇÃO Nº 93 | MARÇO DE 2023

# CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068



www.revistaconexaoliteratura.com.br



## COISAS DO PORTUGUÊS

CONFIRA NA PÁG. 06, POR BERT JR.

**CONFIRA**

ARTIGOS, RESENHAS  
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,  
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS  
E MUITO MAIS...

# ÍNDICE

# CONTÉÚDO

Expediente,	pág. 03
Editorial, por Ademir Pascale,	pág. 04
Coisas do Português, por Bert Jr.,	pág. 06
Poema: Plena, por Bert Jr.,	pág. 11
Dicas para leitura,	pág. 13
O que para ouvir? O que para dizer?, por Sellma Luanny,	pág. 14
Poema: Enquadramentos, por Mirian Menezes de Oliveira,	pág. 18
Poema: Um dia chuvoso, por Aline Suely Dias de Souza Ferreira,	pág. 20
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa,	pág. 23
Poema: No tempo em que corrias para os meus braços, Jesus, por Marcelino Rodrigues Cutrim Netto,	pág. 30
Raul Bopp e o Cancioneiro Amazônico, por Gilmar Duarte Rocha,	pág. 33
Nós precisamos falar sobre publicação, por Léo Silva,	pág. 37
Entrevista com Alexandre Beluco,	pág. 44
Entrevista com Artur Rodrigues,	pág. 50
Entrevista com Luiz Fernando dos Santos,	pág. 55
Entrevista com Márcia Costa Neves,	pág. 59
Entrevista com Viviane Gouvêa,	pág. 63
Citações de grandes autores,	pág. 68
Conto: Senhor Josué, por Miriam Santiago,	pág. 73
Conto: Sopro final, por Vinícius Jales,	pág. 77
Conto: A Metamorfose, por Ney Alencar,	pág. 79
Conto: Manual da Bruxa Moderna, por Ney Alencar,	pág. 84
Conto: O Pássaro Wee, por Ney Alencar,	pág. 89
Conto: Bahia de todos os santos e demônios, por Idicampos,	pág. 94
Conto: Esperteza, por Iraci J. Marin,	pág. 98
Conto: A quatro mãos(?), por Mónica Palacios,	pág. 101
Conto: A Gata de Schrödinger, por B. B. Jenitez,	pág. 103
Conto: O Sacrifício de Palluq, por Roberto Schima,	pág. 106
Mídia Kit,	pág. 113
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura,	pág. 115



## NESTA EDIÇÃO

*Dicas para leitura*

*Entrevistas*

*Artigos*

*Poemas e Contos*

## PAULO COELHO

"Poucos aceitam o fardo da própria vitória; a maioria desiste dos sonhos quando eles se tornam possíveis."

## HENRY JAMES

"Não há mentira pior do que uma verdade mal compreendida por aqueles que a ouvem."

## QUEM FAZ A REVISTA

### EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

### CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

### ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

CONTATO:  [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



Editor



Ademir  
Pascale

## EDITORIAL

Queridos leitores!

Acabou de sair do forno a nova edição da Revista Conexão Literatura, somando 93 edições de entrevistas, contos, poemas, artigos e informações sobre o mercado literário.

E se você deseja publicar em nossa revista ou mesmo divulgar a sua editora ou o seu livro, saiba mais: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

*Ademir Pascale*

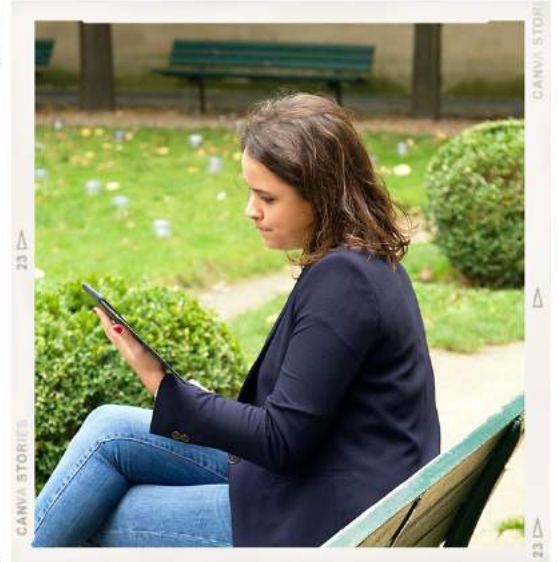
CONTATO:

e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# Revista Conexão Literatura



EUA



Portugal



A nossa revista  
viaja num   
segundo até você

Por Bert Jr.  
**COISAS DO**  
PORTUGUÊS  
PORTUGUÊS



**A**posto que você já esteve metido(a) num *sarilho* e não sabe. Calma, não estou julgando ninguém mal, tampouco fazendo uma brincadeira cabulosa; apenas suponho que, como todo mundo, você já passou por problemas. E é isso, precisamente, que *sarilho* significa: problema, aperto, situação difícil. Todo bom português sabe disso, porém não os falantes do idioma do lado de cá do Atlântico.

Que fique claro: escrevo este texto para que você, cidadão brasileiro, não tenha que enfrentar um *sarilho* daqueles quando for imigrar para Portugal ou — o que tem sido menos frequente — visitar o país a trabalho, ou de férias. Portanto, se você pretende, um dia, fazer qualquer dessas coisas, recomenda-se ler até o final o que vem a seguir.

Na terra dos gajos, convém não pisar no tomate, sobretudo se for no plural. Caso acontecer de você pisar nos *tomates*, saiba que estará machucando seriamente um indivíduo do sexo masculino. É que lá, do outro lado do Atlântico, os *tomates*, curiosamente, não crescem apenas na planta do tomateiro, mas também grudados na região genital masculina, logo ali, debaixo do chourição (não sei se o termo é esse, estou só deduzindo). Também não vá inventar de pelar os *tomates* em público, coisa que poderia dar cadeia. Por outro lado, se você, leitora, julgar que estão podres, ninguém irá condená-la por desfazer-se deles.

Quando visitar um bar português, uma taverna lusitana, uma bodega, uma baiúca, cuidado para não se entusiasmar demasiado com as *bebidas espirituosas*. Geralmente, elas nos levam a começar a noite rindo, mas terminar chorando. Nas primeiras duas ou três doses, você irá passar da descontração à alegria; logo, da alegria à euforia. Até aí, a bebida fez jus ao nome. Depois disso, a situação muda de figura. Na quarta dose, você lembrará do fora histórico que levou de uma antiga namorada. Na quinta, sentirá raiva e decepção ao recordar a surra que o Brasil levou da Alemanha, jogando em casa, na Copa de 2014. Na sexta, duvidará da fidelidade da esposa, vociferando impropérios, aos prantos. A essa altura, a índole da bebida já passou a ser outra, embora siga sendo considerada espirituosa. No Brasil, seria caso de propaganda enganosa, ou falsidade ideológica.

Se topar com a palavra *mobilar*, não vá pensando tratar-se de um tipo novo de brinquedo, num parque de diversões chamado Gajolândia, nem de uma nova linha aérea lusitana. Trata-se, simplesmente, do verbo equivalente ao nosso conhecido mobiliar. Você achará essa sutil diferença ortográfica um tanto curiosa e, forçosamente, concluirá que as casas portuguesas têm *mobila*. Engano seu. Embora *mobiladas*, elas possuem mobília, igualzinho às daqui.

Ainda na mesma linha, não pense que esteja ouvindo mal, ou que o seu interlocutor tenha problemas de dicção, se por acaso alguém pronunciar a palavra *registo*, em vez de registro. É simples: os portugueses preferem *registar* as coisas a registrá-las. E quem o faz, na maioria dos casos, é a *administração* pública portuguesa, correto? Nada disso: os *registos* estão a cargo da administração pública, pronunciada com um sonoro “r”, no que configura, por certo, uma inconsistência linguístico-*burocática monstuosa*.

Aviso geral: ninguém ria quando um portuga oferecer *boleia* (carona) numa *mota*, quiser tirar uma *fota*, ou jogar na *lota*. O assunto é sério: segundo a lógica de lá, as formas

abreviadas devem preservar o gênero da palavra de origem. Consequentemente, palavras como broncoprofilaxia, mamografia, gastrossepsia e ecografia, todas elas substantivos femininos, devem ser reduzidas para bronca, mama, gastra e eca. Não estranhe, portanto, se ouvir um português dizer a outro: “Depois da bronca de mamãe, pediram-lhe uma mama, enquanto eu, esperando fazer uma eca, tive de encarar uma gastra.” A bem da verdade, confesso manter acesa a esperança de que a regra não seja aplicada à risca em tais casos...

Por falar em lógica lusitana, passemos a um tema sempre delicado: o emprego da crase. Como se sabe, esse peculiar acento é produto da Física gramatical, originando-se da fusão do artigo feminino “a” com a preposição “a”. Mesmo sabendo disso, por lá escrevem-se coisas como: “marcharam até à cidade”, “lutaram até à morte” etc. Ora, sendo “até” uma preposição — e nisto as gramáticas de ambos os lados do Atlântico coincidem —, então por que a crase? Estaria a cidade do exemplo tão distante, assim, que se necessite um trem de preposições para alcançá-la? Seria a morte, assim tão apavorante, que se necessite antepor-lhe o dobro de preposições a fim de retardá-la? Ou seria que, ao preceder uma hipótese de crase, o “até” perde seu caráter de preposição? Mistério... Seguindo-se a mesma lógica, deveríamos aceitar outras expressões com duas preposições consecutivas: “vim de por trem”; “corri para até a bola”; “se muito comi, foi com por gosto” etc.

Se estiver em terras lusas e mandarem você à *recepção*, calma... Não pense que só por haver falado com sotaque brasileiro já estejam julgando sofrível a sua situação financeira. Nada disso. Longe de tratar-se de recessão, aquela nossa tão conhecida conjuntura econômica, *recepção* é como, por lá, chamam o que, do lado de cá, denominamos recepção. Convenhamos que faz todo sentido: quando se vai receber alguém, não se quer que o convidado tropece numa consoante traiçoeira e nada confiável como o pê. Pela mesma razão, todo argumento, para que seja de fato decisivo ou categórico, deve ser *perentório*. Se for *peremptório*, correrá o risco de, ao tropeçar no pê, desconjuntar-se e, assim, perder força resolutiva. É por isso que, em nome da preservação das virtudes da língua, o melhor a se fazer talvez seja mesmo proibir o sorrateiro pê de encontrar-se com outras consoantes.

Você tem algum apelido? Chico(a), Cacá, Duda, Bia, Tuco? Em caso afirmativo, prepare-se para, se estiver em Portugal, ver seu apelido transformado em sobrenome. Do mesmo modo, esteja preparado(a) para ver o seu sobrenome transformar-se em apelido. Calma... É que, lá, eles chamam de apelido o que nós chamamos de sobrenome, e vice-versa. Recomenda-se, portanto, muita cautela ao preencher formulários de documentação em Portugal. Se, por exemplo, Cássia Dias for o seu nome, e o seu apelido for “Doidona”, você correrá o risco de ser registrada como Cássia Doidona. Se “Cabeção” for o seu apelido no Brasil, poderá tornar-se o seu sobrenome em Portugal: Diogo Cabeção. Assim, não se espante se encontrar *conterrâneos* incautos atendendo por José Luís Micuim, Cleonice Vade-retro, Aurélio Podrão, Jaqueline Facinha etc.

Anote essa: se o seu conceito por lá for de alguém *porreiro*, *fixe*, ou *giro*, calma... não vá se zangar com ninguém por isso. Ao contrário do que muitos tendem a imaginar, esses



termos não equivalem a pândego, doidivanas, ou maluquete, mas significam que você é considerado(a) como uma pessoa legal, bacana, com quem se pode ter um convívio agradável e divertido. Portanto, fique satisfeito(a) e agradeça!

Os exemplos, como se nota, são inúmeros, sempre implicando surpresa, alguns riscos e muito riso. Encerro aqui esta crônica, pois já estou *cheio de fome*. Porém, antes de comer, ainda terei de livrar-me deste *fato*, que me está pesando. Calma: não sou um ogro comilão, nem cometi um delito inconfessável. Apenas estou faminto, *ó pá!*, e tenho que desvestir o meu traje de trabalho (um terno), colocando-me à vontade para almoçar, pois transcorreu um longo intervalo desde que o *pequeno almoço* foi servido. *Ó pá!? Pequeno almoço?* Calma...



**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeirol*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @\_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

# NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



ADEMIR PASCALE

## Journal em o Camilo da Maré

TRÊS JOVENS INTERLIGADOS  
VIVENCIAM AS FERIDAS QUE  
NOSSA SOCIEDADE  
PERPETUA: VIOLÊNCIA,  
INJUSTIÇA E BULLYING, NUMA  
COMUNIDADE CARENTE DO  
LITORAL DE  
SÃO PAULO

MAFRA  
EDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

**BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI**

MAFRA EDITIONS  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



# PLENA

POR BERT JR.

tartaruga não nada  
na onda  
plana  
ou seja  
mais que não nada  
flutua e desliza  
do azul-marinho ao turquesa

nas camadas aéreas  
pelas funduras aquáticas  
na verticalidade do ser  
planar  
feito tartaruga  
é modo de atravessar  
fases organigmáticas

soltura entre lençóis suaves  
temor nenhum  
de afogamento  
no tempo  
em que o significado  
da palavra organigmática  
sequer necessita ser decifrado

no balanço das correntes  
a tartaruga plana  
entre azuis  
plena  
no trajeto incoerente  
o casco de lenho e carne  
urde substrato à luz

tartaruturco-asiática  
tartaruíndico-oceânica  
tartaribérico-indígena  
tartarugafro-americana

tua conquista pacífica  
do universalismo  
inspira as linhas  
deste poema



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays* e *contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*.

Instagram: @\_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

# divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

## Revista Conexão Literatura

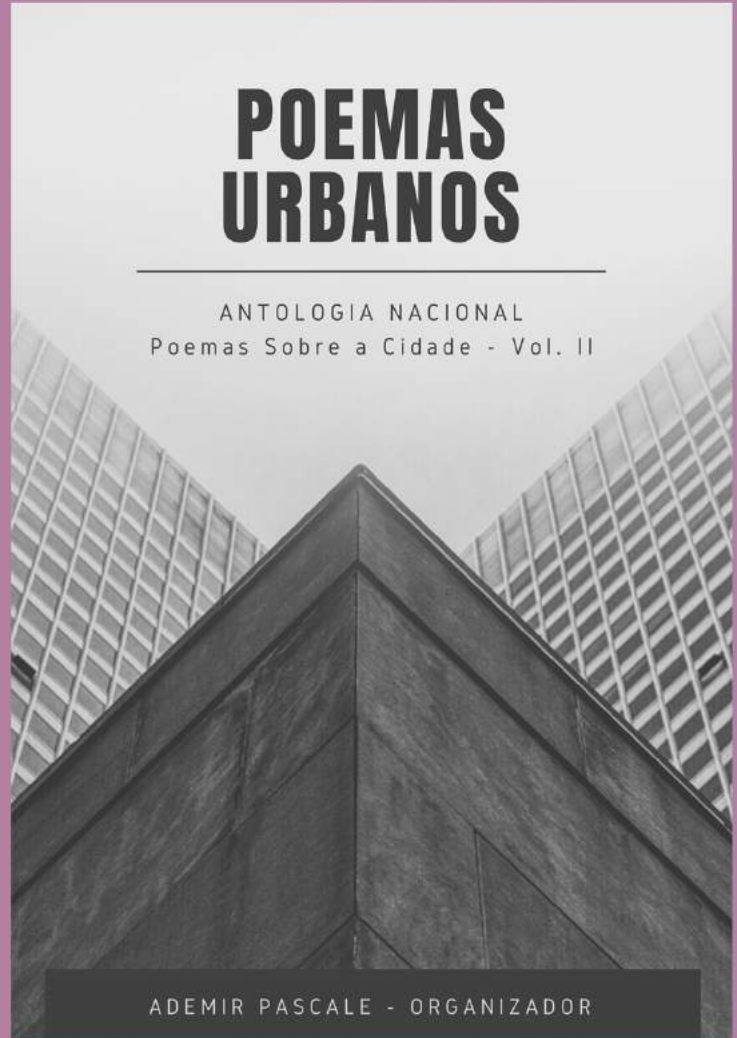
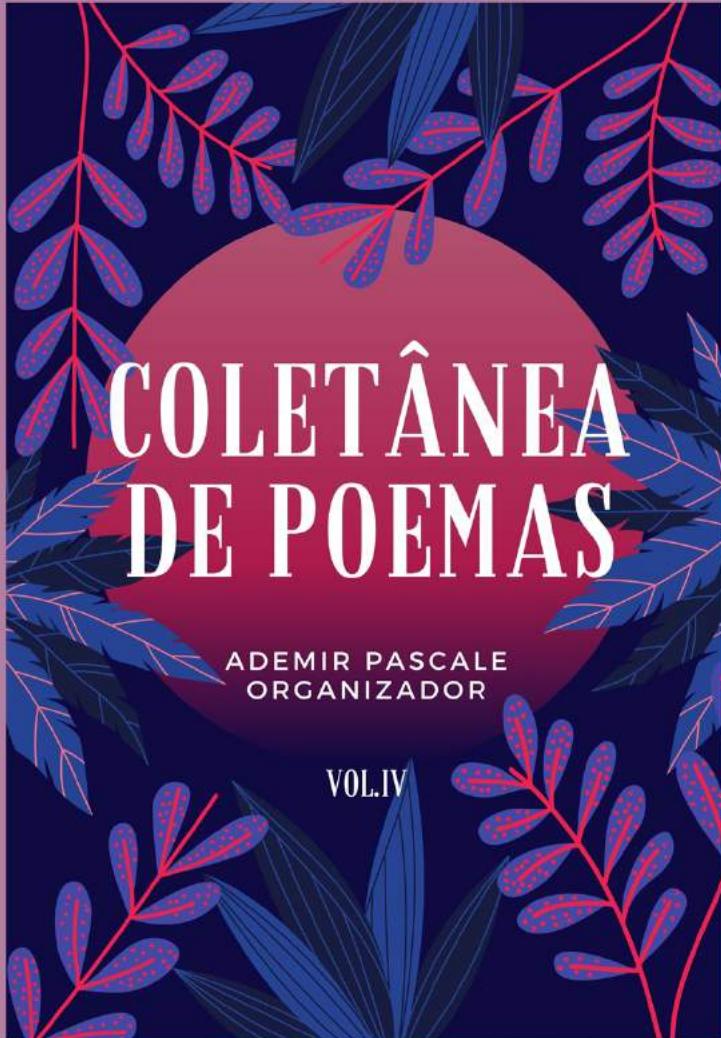


**ENTRE EM CONTATO**

[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

## DICAS PARA LEITURA

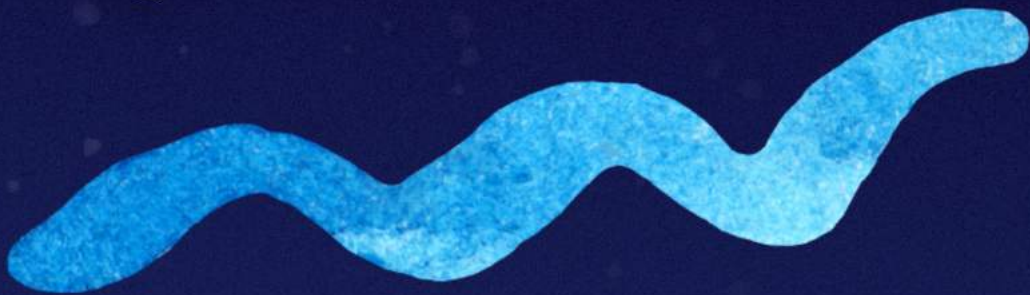
COLETÂNEA DE POEMAS - VOL. IV,  
REÚNE POEMAS DE ALGUNS DOS  
MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM  
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE.  
O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ  
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA:  
[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
E NO SITE DIVULGA LIVROS:  
[WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



POEMAS URBANOS - POEMAS SOBRE  
A CIDADE - VOL. II, COM  
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E  
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM  
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ  
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA:  
[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
E NO SITE DIVULGA LIVROS:  
[WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



O Que Para Ouvir?  
O Que Para Dizer?



**Por Sellma Luanny**

Como todo final e início de ano, para muitos chega o momento de reavaliação, de ponderação e de refazer ou fazer novos planos.

Não é diferente para mim.

Mas, com a repetitiva situação, mesmo toda a esperança e otimismo injetados no discurso que quer ser próprio e real, não se deixa de sentir toda uma ansiedade e não se deixa de tentar bloquear desânimos e descrenças.

Após três longuíssimos anos de pandemia - pandemia que parece ainda ter fôlego para se estender ao futuro que começa a se abrir - com consequências individuais e globais, e após todas as iniciativas para tentarem diminuir as consequentes pressões e desequilíbrios psicológicos no indivíduo, estamos também tentando não ceder à estagnação e não nos deixarmos ser tomados por um sentimento de falência.

E com esta "bola de neve" geral que parece ainda ter energia para rolar e aumentar de volume por algum tempo, vêm-me à mente, várias outras insistentes considerações... mais amplas e planetárias.

Sabemos há décadas, que nós, seres humanos, somos consumidores e poluidores vorazes. Por mais que façamos campanhas para diminuirmos estas tendências, o planeta que nos diz respeito no presente, continua ferido e capengando.

E com a pandemia, tudo piorou. Já imaginaram todo o acrescido lixo hospitalar, altamente contaminante, para o meio ambiente?

Já pensaram em todos os esgotos e escoamentos pululando dos vírus que estamos continuamente jogando para fora de casa?

E a enorme poluição química, de vacinas, antivirais e supostos medicamentos, que despejamos direta ou indiretamente todos os dias e horas, nos solos, meios hídricos e ar, e que atingirá a todos os seres vivos? E que com absoluta certeza, voltará para nós?

E mesmo assim temos o desprazer de solicitarmos alimentos "orgânicos", água potável de qualidade, salários condizentes com as "condições humanas", mais conforto, com "teto" adequado sobre nossos "fatigados" corpos... Também lazer e divertimentos... de lambuja. Porque somos mais "importantes", somos "diferenciados" ... e mais um punhado de adjetivos que muito achamos merecer.

Além de uma parte relevante da humanidade já não ter nem acesso a água potável, os outros seres vivos - animais e plantas - não têm quem por eles, levante a voz.

Todo este nosso peso sobre todos os outros, funciona como um pêndulo.

E ele vai e volta. E virá na nossa direção. E atingirá a nossa frente. Aliás, é o tempo presente.

Nada vem de supetão - em termos humanos. Aos poucos, tudo vai se manifestando e avolumando.

Como é aos poucos e não possuímos memória a longo prazo, não sentimos tanto, mas já conseguimos entender quando dizem "este ano foi o mais quente de..." "as estações não são mais tão regulares..." "um século de extinções nunca dantes presenciadas..."

Para finalizar, não gostaria de deixar uma mensagem fúnebre e pessimista em princípio, mas uma mensagem de responsabilidade planetária.

Somos responsáveis pelo planeta e todos os seus habitantes, porque somos inteligentes, capazes de mudar qualquer ambiente a curto prazo e temos atingindo e ocupado quase todos os cantos do globo. Temos feito isso exponencialmente nos últimos duzentos anos, sem sombra de dúvida. Mas só uma parte se tem beneficiado dos "bons frutos" - se podemos chamá-los assim.

O local, condições de nascimento, parentesco e a própria atualidade não são escolhidos. E tudo isso é como uma loteria.

Aquele que está sofrendo, humano ou não, e que não pôde escolher o seu ser e estar, poderia ser qualquer um de nós.

E se acharmos que não vale a pena agirmos para minorar todos estes problemas, porque em termos futurísticos e a longo prazo, o planeta vai se renovar e entrar em novos ciclos nos milhões e até bilhões de anos por vir, como tem acontecido nos seus bilhões de anos pregressos, talvez em termos geológicos, não valha mesmo. Mas, nós e os seres da atualidade planetária não sobreviveríamos a alterações climáticas rápidas e não naturais sem o devido tempo de adaptação.

Tudo pelo ralo do tempo, passará enfim.

Mas seria inconsequente e muito feio se fosse devido à assinatura humana.



**Sellma Luanny** são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte e três antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.



× × × ×  
× × × ×  
× × × ×  
× × × ×

# PACOTE

## DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

- **DIVULGUE  
PARA + DE  
300 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

**DIVULGUE O SEU  
LIVRO CONOSCO**



[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

# **ENQUADRAMENTOS**

**POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA**



**Tenho olhado tanto... tanto...  
para os mesmos seres!**

**Nunca os "mesmos"!  
Nunca "sempre"!**

**Quando agitada, olho muito,  
pra não perder os detalhes.  
Se cansada, olho mais,  
pra perceber os entalhes.**

**Tenho olhado tanto... tanto...  
para as mesmas coisas!**

**Nunca as "mesmas"!  
Nunca "sempre"!**

**E, nesse exercício intenso,  
vejo mil coisas em um só.  
Muitas almas em uma alma...  
Muitos tons sobre outros tons...  
A vista cansada e viciada  
rejuvenesce nas cores;  
refaz os enquadramentos;  
inverte os cenários e as poses.**

**Tenho olhado tanto... tanto...**

**E como é bom!**

**MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A - MANDALA -Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.**

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# CONTOS, MINICONTOS E POEMAS INFANTOJUVENIS



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

# UM DIA CHUVOSO

Por **Aline Suely Dias de Souza Ferreira**

Acordei com o despertador  
Despertei sem noção de tempo,  
Levantei sem percepção da realidade,  
Lembrei que tinha inúmeros compromissos,  
Mas não sabia ao certo por onde começar.

Na janela, uma chuva forte caía desordenadamente,  
Raios e trovões anunciavam que o dia seria sombrio,  
Na varanda, neves e geadas iniciavam abruptamente,  
Tempestades chegavam causando um calafrio.

Saí de casa velozmente em meio a uma multidão,  
Caminhando entre sombrinhas e casacos em ruas estreitas,  
Observando as poças de lamas e as estradas alagadas na imensidão,  
Chegando aos lugares entre atrasos e espirros em vielas espreitas.



**Aline Suely Dias de Souza Ferreira**  
Docente, pesquisadora, escritora,  
autora.

[kalinnedias@gmail.com](mailto:kalinnedias@gmail.com)

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Eu respeito a natureza e você?



Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

**PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150**

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

**AUTOESTIMA**

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

# A VIAGEM

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Foi assim com o suave beijo bem delicado  
Na beirinha da face e, dos lábios, bem pertinho  
Previamente combinado com meu interior  
E do seu calor a delícia do "perfumar"

Sobre seu corpo, de propósito, bem demorado  
O escorregar na face com aquele meu jeitinho  
Para do "amor" sentir o perfume... o sabor  
Com a "louca" vontade de mais tempo demorar

Quão maravilhosa a "escolta" à minha cintura  
Tomada por suas mãos como guarda fazendo-me sentir como a  
nobre criatura  
E com olhos fechados serenamente viajei

A "estrada", claro que mais bem imaginada pelo tempo já sonhado  
Por dentro das nuvens um voar aproveitando "pedaços" da  
madrugada tão amados  
Assim confesso sobre essa maravilha como me encantei



# **QUANTA PENA!** **POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**

**Houve o desejo  
Concretado com o beijo  
Deixando aquela sensação  
Ao, antes, “empobrecido” coração**

**Consumado o desejo  
Alegria pelos beijos  
Raros e deliciosos sabores pude sentir  
De um amor que jamais imaginei, um dia, partir**

**Vivendo o desejo  
Folia na “dança” dos beijos  
Com alguma dificuldade cada um aconteceu  
Mas do prazer, jamais em mim algum morreu**

**Do desejo  
O beijo  
Levando e maturando infinda alegria  
Encharcada ainda de amor por todos os dias**

**Ah! Gente! Quanta pena essa existência do “passado”  
Que “arranhou” minha inocência pelo tanto, ao meu amor, o ter  
amado**

**Valeu, no entanto, por saber entesourar no coração  
Deixando crédito no que foi o amar com tamanha emoção**



# **FOI ASSIM...**

## **POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**



**Ao perceber o delicioso detalhe em, suavemente, me tocar  
Lembranças dos tempos retornaram como em uma magia  
Eu, então desesperada por tamanha ausência  
Com aquela -antes- dormência no corpo vi aflorar a quentura**

**Assim foi embora o sentimento de a pobre criatura  
Sei lá por qual! Talvez por outros valores ou quem sabe lá por  
inocência**

**Com galhardia soube dispensar a nostalgia  
Por constatar que o amor delicadamente, em mim, estava a  
retornar**

**Você, anteriormente, por meu coração "abandonado"  
Na magia do tempo se torna novamente amado  
E, com felicidade, nada mais olvidar, apenas crer**

**Que como no passado deixar "abrigar" o grande amor  
Agora imaginado diferente, sem nenhuma dor  
Permitir, enfim, com a Graça divina, o raro e feliz viver**



# MESMO SOFRIDA

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Entremeada ao silêncio da noite  
Lembranças surgem castigando-me com os seguidos açoites  
Das dores tento aguentar, mas das sofridas lágrimas não as  
    consigo segurar  
E tudo enfim não tenho como superar

Afoitas, gota a gota sinto deslizando  
Encharcando a face por caminhos diversos caminhando  
Espertas fogem das minhas mãos para as secar neste viver  
Cada uma mais ainda recordando o desespero em te perder

Confesso que nessa noite, dos "Pedaços" a memória aguçou  
Mostrando que ocasiões belas pelo que vivemos e que nem com o  
    "tempo" passou

Mesmo assim com tais lembranças procuro adormecer  
Tentando pela manhã me levantar com possíveis ideias de um  
    novo viver

# **“PEDAÇOS” DA MADRUGADA**

## **POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**

**Madrugada! De todos nós a grande amiga nas adversas horas  
Aos inúmeros dias, com alegria, socorre-nos ao nos amparar  
Do envolvimento com os fortes desejos de cada um, se ir “embora”  
Bem “inteirinha” corre serena a nos escutar e abraçar**

**Lágrimas rapidamente se tornam desaparecidas  
Com carinho escuta os choros abrandando o soluçar  
Palavras indevidamente pronunciadas agora se tornam esquecidas  
A grande força as pulverizou pelo ar**


**Do então momento, ao se retirar, sorri dos “Pedaços”  
Posto que deles procura transformar em histórias com alegria  
Assim o faz carinhosamente passo a passo  
E se vai toda elegante ao raiar do dia**

**Do espaço, corre a Aurora para o seu nascer  
A seguir pulverizada pelo Sol com todo seu poder  
Surge então a esperada manhã com dignidade  
Encharcando aos “seres” vivos com tamanha facilidade**

**Ah! Quanta beleza! Trata-se do contínuo círculo da vida  
Cada uma pessoa se tornando então querida  
E os tais “Pedaços” são cantados em Poemas  
Que o Poeta com sua generosidade enriquece aos temas**

**Ah! Gente! Quão belo esse viver! A vida continua!  
Se antes estavam expostos sozinhos pela rua  
Saibam que agora não!  
Ao contrário viverão hospedados em um belo e gentil coração**





Joaquim Cândido de Gouvêa: Economista, aposentado no Banco do Brasil S.A., é também escritor; romancista, poeta, letrista de música, tendo atuado junto à melodia com o Emmanuel Henriques de Castro e com a outra parceira Renee Brazzil. Considera-se um contador de belas histórias de amor.

Como poeta, participou em variadíssimas coletâneas e antologias de poesia publicadas no Brasil envolvendo-se também em alguns Concursos Literários. Em destaque, a Menção Honrosa concedida ao seu poema no Livro VII Prêmio Marcelo de Oliveira Souza - Dr. Honoris Causa em Literatura.

Mensalmente, publica poemas na REVISTA CONEXÃO LITERATURA.

No exterior, participa do projeto da Editora Colibri, no Livro MUNDO(S), com outros 20 poetas portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, onde começou na Edição 6 e atualmente encontra-se na Edição 23.

Com grande emoção recebeu o Certificado de Honra ao Mérito, em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil.

Participou da MESA DE DEBATES em Lisboa - Portugal, do Tema "Escrevo Por Quê" adicionando o poema "Porque Escrevo".

Com imenso orgulho ocupa a Cadeira número 203, como Acadêmico na Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta, no Brasil, Estado do Rio Grande do Sul.

Na edição de Livros possui seis Livros. Quatro de poemas e dois romances.

- "Mais do que Buquê" e "Acredite... Nada Importa Sonhar... Acredite!" na Editora Trevo, no Brasil - Poemas;

- No "Caminhar" e "Sentimentos... Amor... Saudade"... na Editora Poesia Impossível em Lisboa - Portugal, do Grupo Editorial Atlântico- Poemas;

- Ardente Encontro e Seis Meses, na Editora Astrolábio em Lisboa - Portugal, do Grupo Editorial Atlântico - Romances.

NOVOS VÍDEOS NO CANAL <sup>+</sup>

 **CONEXÃO  
NERD**

INSCREVA-SE

**@CONEXAONERD**

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE

<sup>+</sup>







Por Marcelino Rodrigues Cutrim Netto




## **No tempo em que corrias para os meus braços, Jesus**

No tempo em que corrias para os meus braços, Jesus  
Quantos sorrisos trocávamos de alegrias  
E agora te olhando aos trambolhões  
Com essa cruz sobre o dorso  
Mal consigo respirar  
Sofrendo contigo...

Essa coroa e esses espinhos  
Também me afundam a carne  
E me ferem, Filho  
Me ferem, pois senti teus pequeninos chutes  
De Deus-menino, em mim, por dentro  
Em meu ventre  
- E essa agora de Deus-menino?!-  
Se te vejo é assim  
Franzino, magro, magrinho  
Despedaçado, a carne em farrapos  
Barbudo dos desertos  
Tão coitado, tão meu Filho  
(e agora mais que nunca)  
Deixando o sangue  
- que também é meu!-  
Pelas paredes e pelos monturos  
Em que esbarras nesta Jerusalém

Teus olhos banhados de sangue  
Me veem ainda, Pequeno?  
Não, não faz esse esgar de dor  
Que ele me dilacera a alma  
- e ainda me chamam de bendita!-  
Se não me respeitam e me obrigam  
A olhar minha cria







Carregando dois toros de madeira  
Para salvar um mundo condenado  
Para todo o sempre

Se teus cotovelos estavam machucados  
Eu os beijava;  
Teus joelhos, Traquinas  
Quantas vezes limpei seus arranhões  
Com estas mesmas mãos  
Que ora tentam abafar o choro  
De uma mãe que vê seu filho sendo assassinado  
aos poucos...

Por que, Piá, não renunciaste a tudo?  
E foste só um nazareno, como teus irmãos?  
Por que, por amor a mim, e não ao mundo,  
Não casaste e tiveste meus netos?  
Sem grandes intrigas,  
Sem ajuntamentos perigosos  
Sem contendas com comerciantes,  
romanos e rabinos  
Sem ter que salvar um mundo todo  
para além da Palestina!



Marcelino Cutrim, 54 anos, professor  
da rede pública estadual de São Luís  
do Maranhão. Licenciado em Letras  
pela Federal do Maranhão, Mestre em  
Letras pela Estadual do Piauí.  
Militante do Pstu-MA.



8 DE MARÇO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER





# RAUL BOPP E O CANCIONEIRO AMAZÔNICO



POR GILMAR DUARTE ROCHA

Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

Se existe um gênero literário em que os brasileiros podem se orgulhar, esse gênero é a poesia. Desde Gregório de Matos e Guerra, expoente do Arcadismo, passando pelos neoclássicos Tomás Antônio Gonzaga, autor de “Marília de Dirceu”, Cláudio Manoel da Costa (“Vila Rica”), Alvarenga Peixoto (“Bárbara Heliodora”); os românticos e geniais Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Gonçalves de Magalhães, Álvares de Azevedo; os simbolistas Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens; os parnasianos Raimundo Correia e Olavo Bilac; os modernistas Menotti Del Picchia, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes; os concretistas Décio Pignatari e Haroldo e Augusto de Campos; os pós-modernos Ferreira Gullar, Vinicius de Moraes, Paulo Leminski, Caetano Veloso, temos uma gama de vates à altura (ou que pelo menos tangenciam) grandes nomes da poesia ocidental, das idades moderna e contemporânea, como T.S. Elliot, Baudelaire, Camões, Emily Dickinson, Ezra Pound, Rilke, Blake, e outros.

Dentre esse mar brasileiro de versos, canções e inspiração, vale destacar dois nomes de poetas peculiares: o primeiro, Gonçalves Dias, erudito maranhense, que tencionou emular com Camões e seu “Os lusíadas”, criando a magnífica epopeia “Os timbiras”, como ele próprio analisa:

*“Imaginei um poema... como nunca ouviste falar de outro: magotes de tigres, quatis, de cascavéis; imaginei mangueiras e jabuticabeiras, jequitibás e ipês arrogantes, sapucaieiras e jambeiros, de palmeiras nem falemos; guerreiros diabólicos, mulheres feiticeiras, sapos e jacarés sem conta; enfim, um gênese americano, uma Iliada brasileira, uma criação recriada”.*

O segundo, o modernista Raul Bopp, que projetou a sua obra maior chamada “Cobra Norato” para o público juvenil, mas, depois da sua adesão à segunda fase do movimento modernista, também chamado de Manifesto Antropofágico, e por ascendência e incentivo de Tarsila de Amaral, líder do movimento, na opinião do próprio Bopp, ele rebuscou o seu produto e o transformou numa espécie de balada, um cancionário pleno de lendas e tradições nortistas (Bopp, embora gaúcho, conhecia a Amazônia com a palma das mãos), congregando todas quimeras e símbolos da Amazônia em torno de um personagem central, resultado do cruzamento de uma índia do rio Tocantins com um ser extraordinário, a Cobra Grande, cujo filho da relação recebe o nome de Norato.

Toda a narrativa do poema parece se espelhar na mitologia grega, com todos os seus signos, lendas, mitos, transmutações, castigos, penitências, rituais, mas tudo muito bem engendrado e ajustado dentro do panorama brasileiro.

É um livro de poema estranho, que mereceu o seguinte comentário da escritora Lígia Morrone Averbuck, num trecho do seu livro “Cobra Norato e a Revolução Caraíba”, José Olympio Editora, 1985:

*“No panorama da literatura modernista, a obra poética de Raul Bopp ocupa um lugar sui generis. Se bem que mencionada com relativa frequência e incluída em obras de caráter geral, até o*

*presente momento ela não foi objeto, por parte da crítica brasileira, senão de estudos mais ou menos breves, ou de trabalhos puramente comparativos, que colocam o poema Cobra Norato, o seu texto mais importante, ao lado de outras produções modernistas, sobretudo dos textos de Macunaíma — Mário de Andrade — e Martin Cererê — Cassiano Ricardo —, produções da mesma safra poética que Cobra Norato e com as quais formaria a tríade mítica do Modernismo ... A obra de Raul Bopp aparece (hoje) realçada por um significado fundamental no conjunto período, como expressão de uma poética linguística e estilisticamente revolucionária...”*

O poeta Affonso Romano de Sant’anna, que redigiu o texto da segunda e terceira capas da trigésima edição de “Cobra Norato”, José Olympio Editora, 2016, faz algumas revelações a respeito da obra, com esta que se segue:

“... O autor passou a vida inteira fazendo pequenas correções nas muitas reedições da obra Cobra Norato. Esteticamente (a obra) pertence ao primitivismo poético, um esforço intelectual para incorporar a ingenuidade narrativas das lendas indígenas brasileira.”

Raul Bopp, jornalista e diplomata, viria a publicar apenas mais três livros de poesia, sem muita repercussão no meio literário, além de obras de cunho diplomático, que também não auferiram ressonância alguma. A sua obra-prima “Cobra Norato”, pela inovação e pela qualidade, tornou-o uma espécie de escritor de um livro único. Que o diga grandes mestres da arte de escrever, brasileiros mesmos, que produziram obra única de grande magnitude, esmagando por completo tudo que produziriam na sequência.

“Cobra Norato”, um dos orgulhos do cancionário brasileiro, está à disposição nas plataformas de venda de livros e vale a pena ser lido, comentado e debatido. Seguem algumas estrofes do magnífico poema:

*Um dia / eu hei de morar nas terras do Sem-fim / Vou andando caminhando, caminhando / Me misturo no ventre do mato mordendo raízes / Depois / faço puçanga de flor de tajá da lagoa / e mando chamar Cobra Norato / – Quero contar-te uma história / Vamos passear naquelas ilhas decotadas? / faz de conta que há luar / A noite chega mansinho / Estrelas conversam em voz baixa / Brinco então de amarrar uma fita no pescoço e estrangulo a Cobra.*

...

*Lá adiante / o silêncio vai marchando com uma banda de música / Floresta ventríloquo brinca de cidade / Movem-se arbustos cúbicos / sob arcadas de samaúma / Palmeiras aneladas se abanam / Juburus de monóculos namoram estrelas míopes / João Cutuca belisca as árvores / Passa lá embaixo a escolta do Rei-de-Copas / Curvam-se as canaranas.*

...

*– Quem é que vem? / – Vem vindo um trem: / Maria-fumaça / O mato se acorda / Cipós fazem intrigas no alto dos galhos / Desatam-se em gargalhadinhas / Uma árvore telegrafou para outra: / psi psi / Desembarcam vozes de contrabando / Sapos soletram as leis das florestas / Lá em cima / um curió toca flauta / Estira-se o rio / O mato é um acompanhamento / Desfiam-se as distâncias / entre manchas e neblinas / – Lá vai indo um navio, compadre.*

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# PARA SEMPRE

CONTOS E POEMAS DE  
AMIZADE E AMOR - VOL. III

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

*Para  
Sempre*

CONTOS E POEMAS DE  
AMIZADE E AMOR - VOL. III

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

ARTIGO DE OPINIÃO

# NÓS PRECISAMOS FALAR SOBRE PUBLICAÇÃO

POR LÉO SILVA



A ideia de escrever esse texto é antiga. Remota à época em que concluí meu primeiro romance (escrevi a mão em papel A4) e tentei publicá-lo. Na ocasião, aproveitei a ferramenta que as grandes editoras supostamente disponibilizavam para autores iniciantes: um canal para envio de originais. Ingênuo, escrevi o melhor resumo que pude e enviei para eles. Um mês depois recebi a recusa. Na mensagem constava que aquela avaliação não se referia à qualidade do livro em si, mas apenas que o mesmo não se encaixava “na linha editorial” da já referida editora. Acho que nada que não fosse um *best-seller* importado se encaixaria na linha editorial deles. Mas, independente disso, continuei escrevendo, e encontrei na autopublicação um espaço para divulgar meu trabalho. Agora, mais de uma década depois, finalmente consegui escrever esse texto. Não há nenhuma dica sobre escrita ou publicação aqui, apenas uma reflexão e um desabafo sobre publicar no Brasil.

Você terminou de escrever seu romance. Seu livro de contos. De poesias. Qualquer coisa do tipo. Então, depois de muito revisar, pensa que é chegada a hora de tentar publicar. Pensa também que não será tão difícil, pois o que não faltam são editoras (e pseudo-editoras), e que o pior já passou, que foi justamente a parte escrita. Porém, acredite em mim, publicar o livro (físico e sem ter que pagar pra isso) é a parte mais difícil desta empreitada indigesta. O que existe por aí de falsas promessas, de pessoas e empresas querendo lucrar sobre o sonho de pessoas que simplesmente ousaram sonhar, não está no gibi (como diria minha avó).

Há alguns anos tive (novamente) a ideia de enviar meus originais utilizando o serviço “publique conosco” que muitas editoras disponibilizavam e que, por alguma razão, parece ter perdido a importância. Das grandes editoras jamais obtive resposta. Porém, uma gráfica disfarçada de editora chegou a me ligar. Ofereceram a publicação desde que eu pagasse por ela. Não parece justo, nem razoável. Eu já havia trabalhado escrevendo o livro, agora precisava arcar com a publicação e ainda dar 70% do lucro para eles, que não fizeram absolutamente nada? Chegaram até a usar a desculpa de que o saudoso Jô Soares, ou o Chico Buarque, não precisariam pagar para publicar porque são autores famosos. Mas eu não sou famoso. Correndo o riso de tornar esse texto datado, pediram quase dez mil reais para que eu me tornasse um escritor publicado. Nunca mais atendi a uma ligação deles, mas suas mensagens de email continuam chegando.

Recentemente, resolvi participar de um concurso de romance de outra gráfica disfarçada de editora. Essa afirma que trabalha com duas modalidades: em uma, o autor não paga nada para publicar, em outra deve pagar metade dos custos. Não conheço ninguém que tenha publicado gratuitamente com eles. Em meu íntimo eu já sabia exatamente o que eles queriam: atrair escritores para oferecer publicação custeada pelo escritor. Mesmo assim, fui lá e mandei o original. Algum tempo depois, recebi uma mensagem de email dizendo que eu não havia ganhado o concurso (não falaram quem ganhou), mas que meu livro era “excelente” (se era excelente, porque perdeu?) e que, mesmo sendo “excelente”, eu deveria arcar com metade dos custos de publicação (pouco mais de dois mil e quinhentos reais). Queria mesmo era adivinhar os números da loteria, mas vá lá, pelo menos acertei essa aí. O que percebi com essa experiência é que as

estratégias utilizadas por essas “editoras” é tentar convencer o escritor que ele precisa pagar para ser publicado, mesmo se a obra em questão for de qualidade. Esse discurso não faz o menor sentido para mim, que optei por não cair nessa conversa. Veja bem, eu não precisava ter ganhado o concurso mas, já que eles mesmos disseram que o livro era excelente, porque eles mesmos foram reticentes em publicá-lo? Uma editora não deveria ser capaz de identificar obras com potencial e investir nelas? Para mim, eles não são uma editora clássica como se apresentam, mas apenas uma gráfica prestadora de serviços.

Acontece que o livro que eu enviei já havia sido autopublicado anteriormente. Pessoas que eu conheço e pessoas que eu nunca vi na minha frente já o leram. E todos gostaram, invariavelmente. Eu sei que o livro é bom porque desconhecidos normalmente dizem a verdade sobre suas leituras, e se não gostam de algo, simplesmente dizem que não gostaram. Não é o caso do meu livro. Então, se o livro é bom, qual é exatamente a questão aqui? A palavra certa, nesse caso, é visibilidade.

Em qualquer plataforma de publicação, existem milhares de outros livros. E o seu livro será apenas um em meio a um oceano de escritos. Aqui, abro parêntese para uma questão interessante: é responsabilidade do autor divulgar seu livro, isso é óbvio. Stephen King ainda faz isso. Nicholas Sparks também, assim como Dan Brown. Todos eles são autores conceituados, mas isso não tira a obrigação de vender o próprio peixe, e eu acho que tem de ser assim mesmo. A diferença é que eles possuem muita visibilidade, seus livros são aguardados por milhares de leitores. A divulgação do autor iniciante, hoje, é feita basicamente por meio de redes sociais, o que é bastante prático, porém, muitas vezes também exige investimento financeiro.

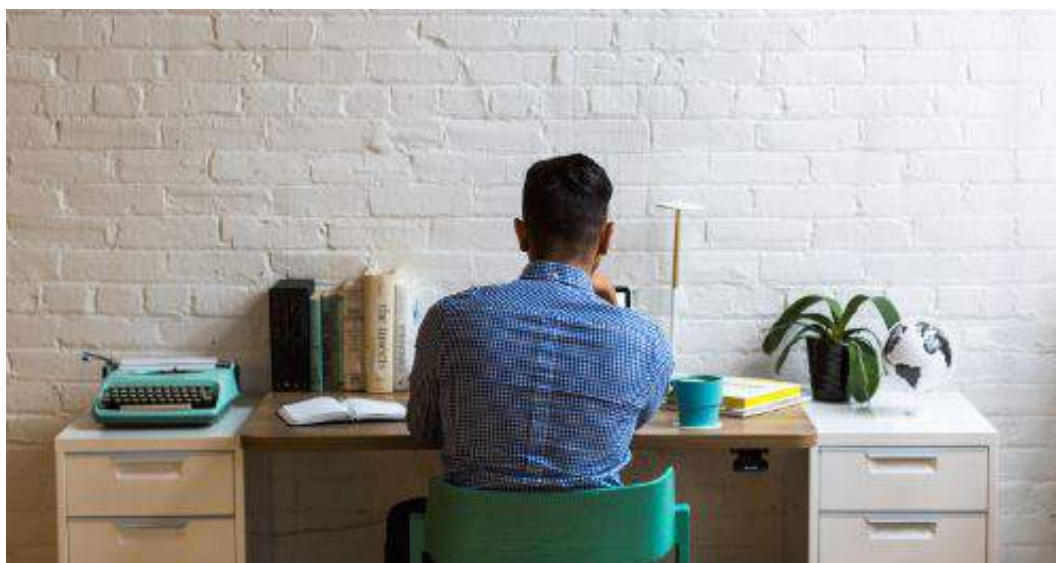
Se dissecarmos a questão da publicação no Brasil, perceberemos que, a rigor, publicar não é difícil. Existem diferentes plataformas que possibilitam a qualquer pessoa maior de idade lançar seu livro no formato digital, até mesmo com a possibilidade de compra de cópias físicas. É bem simples até. Foi em uma dessas plataformas que eu ouvi os primeiros elogios aos meus livros, assim como as primeiras críticas (normal). Ali eu percebi que existia, sim, um público para o que eu escrevia. Não importa se o livro é físico ou digital, o importante é alcançar essas pessoas. O próximo passo seria ganhar algum dinheiro com nosso trabalho. Se fizer sucesso suficiente nessas plataformas digitais, o escritor pode até alcançar as grandes editoras e realizar o sonho de publicar como profissional. André Vianco, após publicar por conta própria seu primeiro livro, *Os sete*, chamou a atenção de uma editora e hoje é autor profissional. Eduardo Spohr passou por um processo semelhante com *A Batalha do Apocalipse*. Ambos são escritores reconhecidos, e ambos gastaram dinheiro do próprio bolso para convencerem os editores que valia a pena investir neles. Deu certo para eles.

Viver de escrita é um sonho bastante difícil de realizar. Enquanto que, em outros países, existe uma verdadeira indústria para a publicação de livros, com cursos de escrita criativa e profissionais sérios envolvidos em produzir sucessos, no Brasil nós temos gráficas disfarçadas de editoras tentando convencer os autores a pagarem para se tornarem publicados. Não existe nada mais cruel e desalentador do que isso. Todo

escritor já passou por uma fase de desânimo, certamente, e isso também é normal. Especialmente para aqueles que não podem arcar com nenhum custo.

Às vezes eu penso, seriamente, em desistir da escrita. Mas existe alguma coisa em mim que implora para que eu não faça isso. Por isso escrevo. É como se as histórias gritassem dentro da minha cabeça, e eu precisasse colocá-las no papel para conseguir dormir à noite. Às vezes eu questiono minhas capacidades de escritor, aquela vozinha lá no fundo que fica repetindo que não sou bom o suficiente, e talvez nunca seja. Nesses momentos eu me lembro de coisas que li ou ouvi ao longo desta caminhada. Uma dessas coisas que ouvi é que “não importa se você tem um ou um milhão de leitores, o importante é que a pessoa certa leia seu livro”. Quem é a pessoa certa? Jamais saberemos se não retirarmos os originais da gaveta (mesmo que digital) e lançá-los no mundo. Esse sentimento é o que me movimenta enquanto escritor, não me permitindo abandonar algo que me faz tão feliz, que é contar histórias.

E é isso que eu tenho feito nos últimos treze anos, com o máximo de esperança que consigo cultivar dentro de mim.



**Léo Silva** é Biólogo (UFRJ); Pedagogo (UNIRIO); Mestre em Biociências e Biotecnologia (UENF) e Doutor em Biotecnologia Vegetal (UENF). Escreve poesias desde quando cursava o Ensino Fundamental; autopublicou 7 romances no Clube de Autores e participou de diversas antologias de contos nacionais. Atualmente, escreve ensaios sobre cultura pop contemporânea (cinema, literatura e televisão), sempre buscando um olhar humanizado sobre temas sociais relevantes.

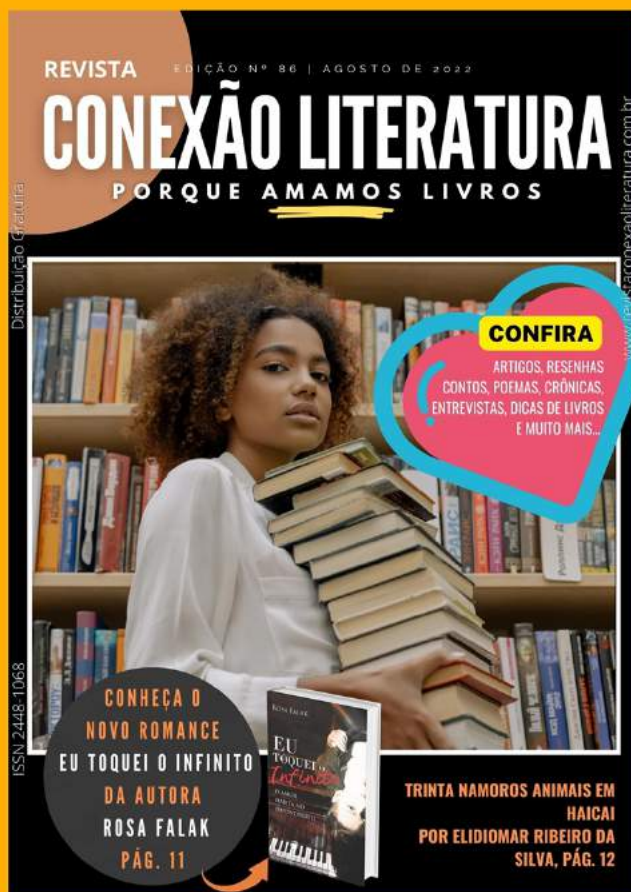


*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



## Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00.  
Envie o seu arquivo em Word.



## Poemas

Poemas com até 4 páginas:  
R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em  
Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



## Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA  
GAVETA

# ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

---

**LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI**

# ENTREVISTA COM ALEXANDRE F. BELUCO



**Alexandre F. Beluco**

Doutor em Engenharia, professor da UFRGS, pesquisador do CNPq sobre energias renováveis. Sua tese de doutorado, defendida em 2001, foi a primeira a abordar a complementaridade energética e abriu caminho para novos grupos de pesquisa ao redor do mundo. Em reconhecimento, editou um livro sobre o tema para a Academic Press, lançado em maio de 2022. Durante a pandemia, o pesquisador tornou-se também oficialmente escritor, publicando *Energias renováveis, velharias clássicas e uma certa obsessão positiva*, seu primeiro livro, em 2021, e *Tecendo fragmentos*, em 2022, ambos lançados pela Editora Metamorfose na Feira do Livro de Porto Alegre.

**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Alexandre F. Beluco:** Aos nove anos, eu ganhei o livro *Vinte mil léguas submarinas*, de Julio Verne, no aniversário. Devorei logo em seguida e, a partir dali, também por conta de um problema de saúde, que se estendeu até a adolescência e limitava minha liberdade, me tornei um leitor voraz. Sendo desde cedo muito criativo, eu imaginava enredos alternativos e novos desfechos para os livros que eu lia e comecei a anotar várias ideias. Eu ainda não dominava a escrita, mas eu sabia que queria escrever. O costume de ler muito e de anotar ideias se manteve com a chegada da vida adulta. Durante a pandemia, ingressei no Curso para Formação de Escritores da Editora Metamorfose e ali, ao encontrar professores de escrita criativa e participar de oficinas, foi possível superar alguma resistência a escrever ficção e encarar os desafios do ofício.

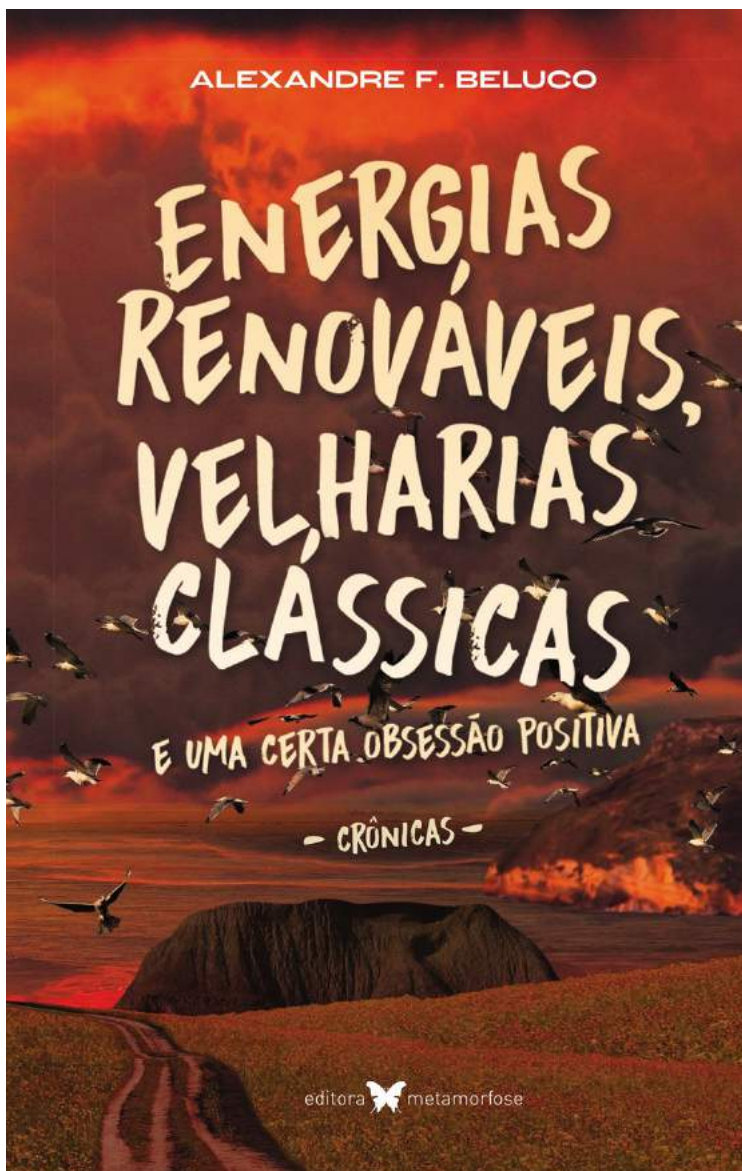
**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Tecendo Fragmentos". Poderia comentar?**

**Alexandre F. Beluco:** Esse é minha segunda empreitada literária. Trata-se de uma coletânea de dez contos que foram escritos, revisados e amadurecidos durante a pandemia, no período em que frequentei o curso da Editora Metamorfose. Lá aprendi e treinei diferentes técnicas, li muitas coletâneas de contos e quis praticar ferramentas diferentes para chegar a resultados e a efeitos que eu penso serem importantes para meus próximos trabalhos. Esse livro é, de certo modo, um resultado de trabalho de laboratório, testando e acertando, errando e acertando, errando e seguindo em frente, tentando várias vezes, errando e insistindo. Mas mesmo sendo resultado de experimentação, o produto final me

agradou e eu me vejo nessas histórias, nesses personagens, nas situações que aparecem retratadas ali. O escritor Julio Cortazar disse certa vez que uma narrativa longa é como uma vitória (no boxe) por pontos, enquanto um conto seria uma vitória por nocaute. Trabalhando neste livro eu entendi como selecionar boas ideias para vitórias por pontos.

**Conexão Literatura:** Antes de "Tecendo Fragmentos", você publicou o livro de crônicas "Energias Renováveis, velharias clássicas e uma certa obsessão positiva", mostrando que além de contos, também domina o gênero textual das crônicas. Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Alexandre F. Beluco:** Crônicas, além de contos? Pode parecer estranho, mas o “motor de criação” é o mesmo, embora as abordagens sejam possivelmente e potencialmente diferentes. O conto precisa convencer o leitor de que aquilo que está sendo contado é real, que os personagens estão ali, vivos, e que a trama está se desenvolvendo independentemente de quem lê estar em uma praia descansando em férias ou estar em um ônibus viajando para seu turno de trabalho. Já a crônica lida com temas reais e verdadeiros e por isso precisa de estratégias diferentes para fígar o leitor. Meu processo de criação? Eu tenho costume de anotar todas as ideias, quando elas surgem. Depois, aos poucos, as melhores acabam se evidenciando entre as outras e terminam por ser selecionadas para uma melhor abordagem. O passo seguinte é decidir como essas ideias serão aproveitadas. O último conto de Tecendo fragmentos, por exemplo, era uma ideia que eu tinha anotada há cerca de trinta anos. Não me parecia apropriada para uma narrativa longa e foi utilizada meses antes em uma oficina de escrita. Depois foi revisada e selecionada para este livro. Minhas inspirações? Depende muito do momento da minha vida pessoal, da rotina cotidiana e até mesmo da estação do ano. Usualmente alguma cena de filme, alguma música ou trecho de livro pode servir como estopim para uma boa ideia a ser explorada em um conto ou crônica. Temas do trabalho como pesquisador ou até uma reportagem em noticiário podem levar a uma boa ideia para uma crônica.



**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do livro "Tecendo Fragmentos" especialmente para os nossos leitores?

**Alexandre F. Beluco:** Sim, em 'Tecendo fragmentos, conto "A sombra do sorriso", p.79. "Então o nosso caroneiro saltou no banco de trás e gritou: 'Eu desço aqui!' Paramos o carro e ele já tinha a porta traseira aberta. Saiu gritando algo que entendemos como sendo uma despedida. Empurrou a porta para ser fechada com tal violência que tivemos a impressão de que toda a carroceria tremeu. Despediu-se, aparentemente, mas não agradeceu."

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Alexandre F. Beluco:** Os meus livros encontram-se à venda no site da Editora Metamorfose (<https://www.editorametamorfose.com.br/autor/10852/>), que publicou esses dois primeiros títulos, e também no site da Amazon ([https://www.amazon.com.br/Alexandre-F-Beluco/e/B09MJF7TR55/ref=aufs\\_dp\\_fta\\_dsk](https://www.amazon.com.br/Alexandre-F-Beluco/e/B09MJF7TR55/ref=aufs_dp_fta_dsk)). Os meus perfis no Instagram (@alexandrefbeluco) e no Facebook (<https://www.facebook.com/escritoralexandrefbeluco>) mostram um pouco do meu cotidiano, com algumas indicações de leitura, com atualizações sobre a repercussão do meu trabalho e com notícias relacionadas com minha atuação como escritor (e também do meu trabalho como professor e pesquisador). Os leitores também podem escrever diretamente para mim, pelo e-mail [alexandrefbeluco@gmail.com](mailto:alexandrefbeluco@gmail.com), que eu estarei sempre disponível para responder perguntas e discutir questões de interesse dos meus leitores.

Em breve, em algumas semanas, será lançado o site <https://www.alexandrefbeluco.net>, com textos inéditos e com mais informações sobre o trabalho como escritor. Esse lançamento será divulgado com antecedência no perfil do instagram.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Alexandre F. Beluco:** Leiam, leiam bastante, leiam muito, leiam sempre! Se um leitor voraz tiver ideias, elas acabam surgindo e se impondo. Quando as ideias surgem, as narrativas se encaixam, os personagens falam por si, as cenas nos tiram do sono para se consolidarem. Daí a encontrar papel e caneta (ou o teclado) e começar a escrever, que é quando a ficção transborda da imaginação para a realidade, é um caminho curto. Frequentar algum curso de formação de escritores, integrar alguma oficina de escrita criativa, participar de antologias e assim por diante, também é uma dica, mas vai do caminho de cada um.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Alexandre F. Beluco:** Sim, estou com vários projetos em andamento. Eu tenho por hábito me dedicar a várias iniciativas simultaneamente, focando em um ou outro conforme se aproxime de fase decisiva. No radar, estão um livro de crônicas, um livro de contos e uma novela. "Nada como o ronco de um GT", meu próximo livro de crônicas,

já está pronto e deve ser enviado para revisão crítica nas próximas semanas para publicação no final deste ano. “Já não é mais verdade”, um livro com sete novelas curtas (ou contos longos), está em fase final de elaboração e deverá ser publicado no primeiro semestre do próximo ano. Também estou escrevendo uma narrativa longa, que deverá estar pronta ao longo de 2024. Em paralelo, estou participando, com a Gabriela Silva, de um projeto para relançamento de livros do escritor noir portoalegrense De Sousa Junior, publicado pela Editora Globo nos anos 1930 e 1940.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: *Coração das trevas*, de Joseph Conrad. É uma obra notável de um autor que não foi alfabetizado em inglês. Trata-se de uma narrativa que se desenvolve dentro de outra narrativa. O livro critica a atuação das metrópoles em suas colônias, especificamente no Congo Belga no final do século XIX, mas aborda também a proximidade entre os comportamentos de homens ditos “civilizados” e de homens ditos “selvagens”.

Um ator ou atriz: Leonardo DiCaprio, pela sua atuação em *Inception*, de 2010, de Christopher Nolan. Um ator que poderia se deixar levar pelos estereótipos associados aos galãs de cinema, mas que costuma buscar projetos que representem desafios ao seu talento. Nesse filme, ele confere credibilidade ao seu personagem e ao roteiro (que é complexo e que poderia facilmente se transformar em um fracasso de bilheteria).

Um filme: *Cinema Paradiso*, de 1988, de Giuseppe Tornatore. É um filme dedicado ao cinema, que gira em torno da amizade entre um menino e o operador de cinema da cidade. É um filme sobre um menino que perdeu o pai durante a Segunda Guerra e que se apaixona por filmes, acompanhando o cinema de sua pequena cidade. A cena final preenche espaços vazios que foram sendo deixados ao longo da narrativa.

Um hobby: Carros antigos. Uma justificativa será melhor apresentada citando uma frase de um especialista britânico, Quentin Willson. Ele disse: “Our affair with old cars is purely emotional, fiercely partisan, terminally subjective and completely without logic or order.” Em português: Nosso envolvimento com carros antigos é puramente emocional, ferozmente partidário, terminalmente subjetivo e completamente sem lógica ou ordem.

Um dia especial: Dia 08 de dezembro de 2020, quando ocorreu o início da vacinação da população contra o vírus da Covid-19. Pela humanidade ter conseguido se organizar e dar resposta rápida a uma ameaça contra a sua existência (independentemente de problemas ou dificuldades que tenham acontecido ao longo do processo de desenvolvimento das vacinas e, depois, ao longo dos meses seguintes, durante as campanhas de vacinação).

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Alexandre F. Beluco:** Já li citações de grandes escritores dizendo que o escritor é, na verdade, um grande mentiroso. Ele precisa ser coerente, mas no fundo estará contando uma mentira. Pode ser, mas a extensão da entrega necessária para construir uma narrativa é tão grande que, em alguma medida, ele terá que ser honesto. Mesmo contando uma mentira, ou várias mentiras encadeadas, ele terá que demonstrar honestidade nessa entrega, sob pena de não concluir aquilo que se propôs a entregar. E tento me pautar por isso no ofício como escritor.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# UNIVERSO DA POESIA

E-BOOK



## UNIVERSO DA POESIA

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

VOL. III

saiba mais: [clique aqui](#)

# ENTREVISTA COM ARTUR RODRIGUES



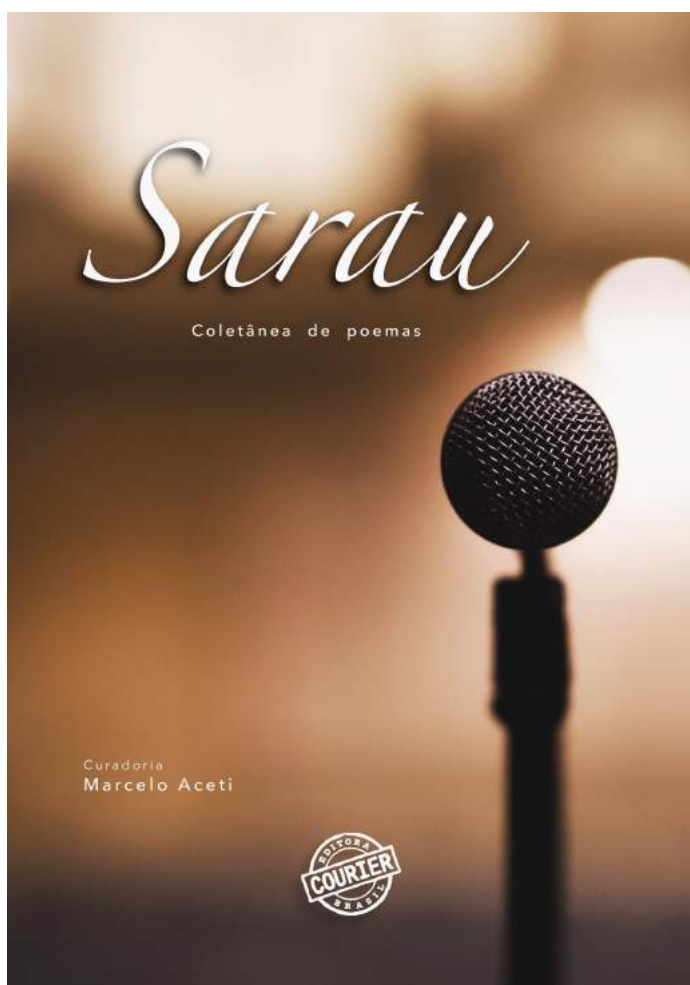
**Artur Rodrigues**

Artur Rodrigues, escritor, produtor e editor do Grupo Editorial Litteris. Começou profissionalmente em 1983 ao lado do escritor Paulo Coelho, onde foi produtor e editor da editora do acadêmico. Durante anos, antes da fundação da editora em 1988, foi apresentador do programa “Em Tempo de Música” pela TV Record e do programa “Bom Dia Poesia” pela rádio Imprensa fm do Rio de Janeiro. É autor de 8 livros, sendo um deles “Que os Anjos Digam Amém”, obra com mais de 100 mil exemplares vendidos desde 1995. Ao lado do editor geral de produção Deucimar Cevolela, conduz há 35 anos a Litteris Editora.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Você é o fundador e editor geral da Litteris Editora, que completará 35 anos de existência. Fale-nos sobre ela. Como é o seu trabalho?**

**Artur Rodrigues:** Há 35 anos viajo por este universo literário que é a Litteris. Na verdade, são 40 anos de profissão. Pela Editora tenho o contato diário com livros e autores de todo o país e até de fora dele. Cuido juntamente com uma equipe de 5 pessoas da avaliação das obras e ainda da produção de eventos realizados ao longo do ano como: bienais, feiras, salões, recitais, saraus etc. Procuo estar sempre presente aos eventos, sobretudo as noites de autógrafos, me realizo vendo os nossos autores recebendo seus leitores e autografando suas obras.



**Conexão Literatura: Vocês estão organizando uma antologia para comemorar os 35 anos da editora. Poderia comentar?**

**Artur Rodrigues:** Sim, é o “Sarau”, a nossa antologia de número 510. Somos indiscutivelmente a editora que mais produziu livros nesse seguimento nos últimos 35 anos. São milhares de autores com obras apaixonantes, oriundos de todo o país e que se encontram nas páginas desse tipo de livro que é totalmente democrático. A antologia “Sarau”, retorna com força total depois de 2 anos estacionada por conta da pandemia e já deu ares que veio para fazer sucesso, pois temos recebido uma gama enorme de autores que desejam fazer parte do projeto.

Este livro terá a curadoria do escritor e multimídia Marcelo Aceti, que conhece a alma da poesia e trabalha com cada

autor de maneira individual, uma ação que a Litteris faz questão de imprimir em seus projetos, um tratamento único para cada autor.

Este projeto já está no ar e aberto aos leitores do Conexão Literatura, basta ir até o nosso site [www.litteriseditora.com.br](http://www.litteriseditora.com.br), enviar um e-mail para [litteris@litteris.com.br](mailto:litteris@litteris.com.br) ou via wats (21) 97405.4555, solicitando todas as informações.

E o diferencial desse projeto é que ele será lançado este ano durante as comemorações dos nossos 35 anos, em junho e depois em um mega sarau que vai acontecer em nosso estande, em setembro, durante a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro.

**Conexão Literatura: Recebe quantos originais por mês? Quantos são publicados? Quem quiser publicar por sua editora quais os procedimentos a serem adotados?**

**Artur Rodrigues:** A cada dia a soma de originais aumenta, uma prova cabal que o brasileiro escreve muito e bem, felizmente. Hoje são cerca de 300 originais por mês, chegando a ultrapassar esse número em 30% em determinados períodos do ano.

Agora nem todos são publicados. A cada mês selecionamos em função, sobretudo da qualidade literária, cerca de 10 a 15 originais entre romances, contos, crônicas, poesias, infantis, além de livros jurídicos, teses etc.

Para a publicação, antes o autor deverá enviar para a editora, diretamente para o e-mail [litteris@litteris.com.br](mailto:litteris@litteris.com.br) em word, o seu original. A partir da recepção dos originais faremos uma detalhada leitura através de nossa equipe e selecionaremos alguns, onde imediatamente convidaremos para publicação. Cuidamos de 100% da edição, mas com o diferencial de inserir o autor em cada fase, dando a ele a total liberdade de opinar e sugerir como deseja cada parte da obra, da capa ao miolo.

**Conexão Literatura: Como é ser editor em um país como o Brasil?**

**Artur Rodrigues:** Não é fácil, mas o tempo nos ensinou a lidar com os problemas de produção, as faltas ocorridas no setor de distribuição, onde recentemente enfrentamos o fim de uma soma significativa de livrarias, onde grandes grupos foram a falência. Nos preocupamos com a impressão de qualidade e o acabamento excepcional de cada título. Não esquecendo jamais da divulgação, dos eventos e sobretudo do contato sempre próximo com o autor, afinal é uma parceria onde ambos de têm que andar juntos, numa inequívoca sinergia.

**Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?**

**Artur Rodrigues:** Temos sempre altos e baixos, mas ainda estamos aquém de fazer o livro chegar de forma literalmente democrática a todos os brasileiros, sobretudo aos mais carentes. O livro deveria estar inserido na cesta básica, pois a leitura é o começo de tudo e sem ela, enfrentamos muitos problemas no decorrer da vida. O livro nos faz crescer e viajar. É uma necessidade básica e que merece ter um preço final mais palatável ao consumidor.

**Conexão Literatura: Quais são suas leituras preferidas?**

**Artur Rodrigues:** Leio por dever da profissão todos os gêneros, mas sou apaixonado por poesia e contos. Tive essa escola em casa desde pequeno, já que minha mãe era uma

leitora voraz, além de escritora. E segundo reza a lenda, minha família tem uma descendência que torço sempre ser verdade, do poeta baiano Castro Alves.

### **Conexão Literatura: Que conselho pode dar a um escritor principiante?**

**Artur Rodrigues:** Leia muito, experimente, ouse. Escreva, escreva, escreva pois o exercício é algo que nos prepara, forja e amadurece.

### **Conexão Literatura: Quais os próximos projetos da editora?**

**Artur Rodrigues:** Meu sócio Deucimar Cevolela tem se revelado uma máquina de pensar e criar grandes projetos. O último foi através de sua produção o “Livro Diário do Escritor” desse ano, um livro-agenda produzida por ele há 30 anos trazendo mais de 250 autores, onde os participantes ou até mesmo os leitores, possam todas as sextas-feiras ao longo do ano escrever um texto, no caso uma poesia, um pequeno conto, um pensamento e ir somando até chegar ao final do ano, quando então teremos 52 obras, que uma vez reunidas, pedimos que nos sejam apresentadas para que possamos avaliar a publicação individual para lançarmos em 2024. Esse é apenas um, mas temos inúmeros outros projetos que serão mostrados na nossa comemoração de 35 anos em junho e logo a seguir na Bienal do Livro do Rio em setembro.

E esperamos ainda por muitos novos originais para a nossa leitura, objetivando o lançamento na Bienal desse ano, onde teremos um grande estande para recebemos todos os autores para recitais quase que ininterruptos. Livros de todos os gêneros.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: “O Lado Fatal” da grande Lya Luft

Um ator ou atriz: Antonio Calloni (que já tivemos o privilégio de publicar) e Leona Cavalli (que também é escritora e que está em nossos planos)

Um filme: “Cinema Paradiso” de Giuseppe Tornatore



Um hobby: assistir filmes e o óbvio, ler muito

Um dia especial: O nascimento dos meus três filhos. As minhas melhores obras, além é claro dos meus livros, minhas paixões.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Artur Rodrigues:** Agradecer a Deus por me colocar no lugar certo, na hora exata há 40 anos, me permitindo viver esse universo de sensações e descobertas que a minha profissão possibilita. Uma viagem sem fim.





Quem  
lê dá asas  
para a  
imaginação!

@revistaconexaoliteratura



# ENTREVISTA

## COM LUIZ FERNANDO DOS SANTOS



### **Luiz Fernando dos Santos**

Luiz Fernando dos Santos nasceu no dia 14 de maio de 1985, em São Caetano do Sul - SP, mas é pirajuense de coração. É poeta, escritor, pedagogo, professor e gestor escolar. Atualmente é pós-graduando em MBA Gestão Escolar pela USP/ESALQ. É autor de vários artigos acadêmicos na área da educação, tais como: "O Gestor escolar e o Desafio da Inclusão: apontamentos teóricos e práticos" e "Gestão Democrática e Participativa: perspectivas e reflexões" que integram a coletânea Interfaces da Gestão Escolar. Eduardo Gasperoni (Org.). 1 ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Luiz Fernando dos Santos:** como educador, iniciei minha escrita com artigos acadêmicos, escrevendo sobre educação especial e gestão escolar para sites e revistas científicas. Em 2021, contribuí com dois artigos para o livro Interfaces da Gestão Escolar da editora Brasil Publishing.



**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Poemas em Punhos". Poderia comentar?**

**Luiz Fernando dos Santos:** Desde a adolescência, sempre gostei de livros de poemas com engajamento político e social, lembro que li “A Rosa do Povo” de Drummond e fiquei encantado. Acho que assuntos sérios também se discute em forma de poemas e poesias, o livro “Poemas em Punhos” vem com esse propósito, pois é dividido em duas partes: 1- Ressurreição, reflexão e relatos da quarentena e 2- Problemas crônicos e hodiernos de um mundo hediondo. A primeira parte trata do obscurantismo na época da pandemia: o anseio pela vacina, o negacionismo e as consequências psicológicas; a segunda parte contempla o Meio Ambiente e os Direitos Humanos, abordando temas contemporâneos e que estão em voga na sociedade. A razão

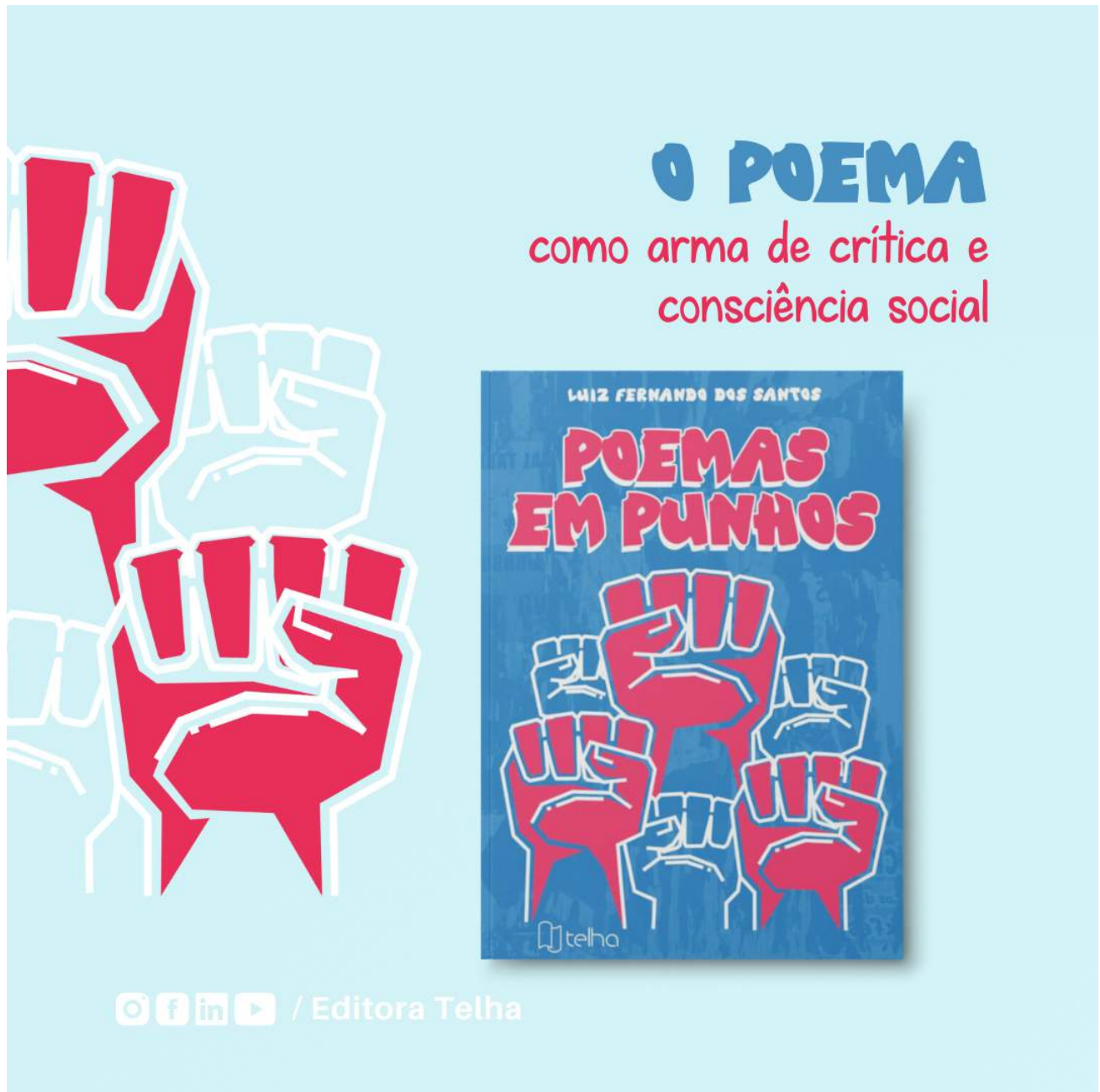
pelo qual o livro se chama “Poemas em Punhos”, título inspirado em nomes de outros poemas: “O poeta é a Mãe das Armas” de Torquato Neto e “La poesía es un arma cargada de futuro” de Gabriel Celaya. Parte-se da analogia entre poemas e armas, nesse aspecto o poema é apresentado como arma de protesto, de manifesto, de consciência e crítica social.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Luiz Fernando dos Santos:** Meu processo criativo não é muito linear, não existe um padrão, a inspiração vem e eu preciso captar a ideia e registrar de alguma forma, em papel, no próprio celular, do contrário, corro o risco de perder aquilo que chegou a mim. Já aconteceu de estar dormindo e acordar com uma ideia, se estiver disposto desenvolvo



ela em 5 minutos, se não estou inspirado o suficiente, dou continuidade no dia seguinte. Minha maior inspiração é a vida, as notícias, as manchetes de jornais, mas também a própria literatura brasileira, temos tantos autores incríveis e talentosos, dos clássicos aos contemporâneos, temos muita gente boa e que merecem ser prestigiadas. Também encontro inspiração na própria arte e também na música popular brasileira, pois existem músicas que são verdadeiras poesias.



**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Luiz Fernando dos Santos:** Ainda vivo em sonhos e planos altos contrariando terráqueos taciturnos

recito poesias, aprecio os astros  
espreito deuses, Saturno.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Luiz Fernando dos Santos:** O livro “Poemas em Punhos” está disponível para venda na Amazon, Estante Virtual, Magazine Luiza, Livraria M.E. e no site da Editora Telha.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Luiz Fernando dos Santos:** Autoconhecer é fundamental para autores iniciantes, descobrir qual gênero textual que você mais gosta e se identifica: prosa, poema, crônica, enfim... vale a pena investir naquilo que você tem mais habilidade antes de se aventurar em outros gêneros. E a dica mais importante: desistir nunca! Persistir sempre!

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Luiz Fernando dos Santos:** Ano que vem, pretendo publicar um livro de literatura infantil ou outro livro de poemas com temática bem diferente de Poemas em Punhos.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Memórias Póstumas de Brás Cubas

Um ator ou atriz: Meryl Streep

Um filme: Psicose

Um hobby: Ler

Um dia especial: Sempre o último

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Luiz Fernando dos Santos:** Espero que todos conheçam o livro “Poemas em Punhos”, acredito que pelo menos alguns dos poemas são capazes de conectar com os leitores, quero que as pessoas sejam tocadas e sensibilizadas, pois “Poemas em Punhos” também é uma espécie de Ode à humanidade, ao amor. Afinal somos todos da mesma espécie, ainda temos mais semelhanças que diferenças e defendo deliberadamente que, quem não respeita os outros, não respeita a si mesmo. Adoraria receber o feedback dos leitores, quem quiser me contatar meu e-mail é: [luidy9278@gmail.com](mailto:luidy9278@gmail.com).



# ENTREVISTA

COM MÁRCIA COSTA NEVES



## Márcia Costa Neves

Márcia Costa Neves nasceu em São Paulo, onde depois de um longo período morando no Canadá, vive até hoje.

É professora de inglês há 30 anos e catequista há 8 anos.

É membro do Movimento Cathólico Regnum Christi há 7 anos onde é coordenadora dos Apostolados Sonhando em Família, Mãe Amável e Regnum Christi, aqui é meu lugar.

Adora ler, escrever, estudar línguas e teologia.

É mãe de Gisela e atualmente está escrevendo seu segundo livro.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Márcia Costa Neves:** Desde pequena sempre quis ser escritora. Meu sonho sempre foi ter um livro publicado.

No colégio tive um professor de português que nos incentivou a escrever diários. Desde então gosto de colocar no papel meus pensamentos e sentimentos. Compreendo tudo melhor quando escrevo.

Quando tive câncer em 2020, fui escrevendo tudo o que estava acontecendo comigo, tudo o que eu estava aprendendo e como Deus estava me ajudando.

Senti que precisava registrar tudo aquilo.

Enquanto escrevia me veio uma grande vontade de compartilhar aquilo com as pessoas porque sabia que poderia ajudar alguém.

Me sinto imensamente feliz quando as pessoas me dizem que o livro as ajudou.

Amo ser escritora!

Agora meu sonho é o de escrever muitos livros até quando eu for bem velhinha!



**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Quando o Câncer nos salva". Poderia comentar?**

**Márcia Costa Neves:** Escrever para mim é uma forma de desabafar. Quando eu coloco no papel o que estou vivendo, me sinto muito melhor.

Quando eu tive câncer foi tão surreal que eu senti uma enorme necessidade de escrever sobre tudo o que estava acontecendo.

Enquanto eu escrevia imaginava como se tivesse uma pessoa na sala comigo para quem eu contava tudo o que eu estava vivendo e aprendendo.

Cada vez que eu escrevia eu conseguia perceber melhor a presença de Deus em todo lugar me ajudando, me fortalecendo e me dei conta de que eu não estava atravessando aquilo sozinha.

Foi aí que a idéia de transformar aquele diário em um livro nasceu.

Eu queria contar para aquela pessoa na sala, a qual passou a ser o meu leitor, que toda dificuldade é uma oportunidade de aprender algo muito valioso.

É perguntar “para que” ao invés de “por que”.

E que não precisamos enfrentar as turbulências sozinhos porque Deus quer estar conosco a cada passo.

O livro não é sobre o câncer. Ele é sobre o processo de fé que vivi.

É sobre o quanto somos amados e sustentados por Deus.

Ele nem sempre nos dá tudo o que pedimos, mas existe um pedido que Ele nunca nos nega, que é a força quando mais precisamos.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Márcia Costa Neves:** Comecei a escrever o livro em 2020 e em 2021 ele foi publicado, pela WT Intelligence com o apoio do Instituto Católico de Liderança.

Recorri muito às passagens da Bíblia e à sabedoria dos Santos.

Antes de começar a escrever fazia uma oração para que o Espírito Santo me guiasse e juntos escrevêssemos o que as pessoas precisavam saber.

Sempre digo que não escrevi esse livro sozinha. Eu tive a ajuda da “Cúpula”, como menciono no livro.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Márcia Costa Neves:** Sim. Eu conto no livro que um dia estava conversando com minha filha Gisela sobre o meu medo da radioterapia e ela me disse: “Pensa assim: o Meu Deus é maior que tudo.

As dificuldades são verdadeiras oportunidades para Ele mostrar o Seu poder, mostrar que Ele está acima de todas elas.

Na dificuldade nós podemos ver Deus agir em nossas vidas.

Independentemente de um diagnóstico, de uma circunstância, de um tratamento, Deus é maior que tudo!”

Aquelas palavras me ajudaram tanto que me agarro a elas até hoje.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Márcia Costa Neves:** O livro está disponível pela Amazon, nas versões português e inglês.

E também na loja virtual do Instituto Católico de Liderança, pelo link <https://loja.iclbrasil.org/search/?q=Cancer>

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Márcia Costa Neves:** Estou escrevendo o segundo livro e escrevi 8 livros infantis com mensagens positivas que tenho intenção de publicar.

## Perguntas rápidas:

Um livro: Ilusões

Minha parte favorita desse livro é “O que a lagarta chama de fim do mundo, o mestre chama de borboleta.”

Um (a) autor (a): Richard Bach

Um ator ou atriz: Meryl Streep

Um filme: Terra de Maria, de Juan Manuel Cotelo Oñate

Um dia especial: O dia em que minha filha Gisela nasceu. O mundo ficou muito melhor depois que ela chegou nele!

## Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Márcia Costa Neves:** Gostaria de enfatizar uma coisa que menciono no livro, que é procurar “prestar atenção nos detalhes de Deus e na Sua doçura.”

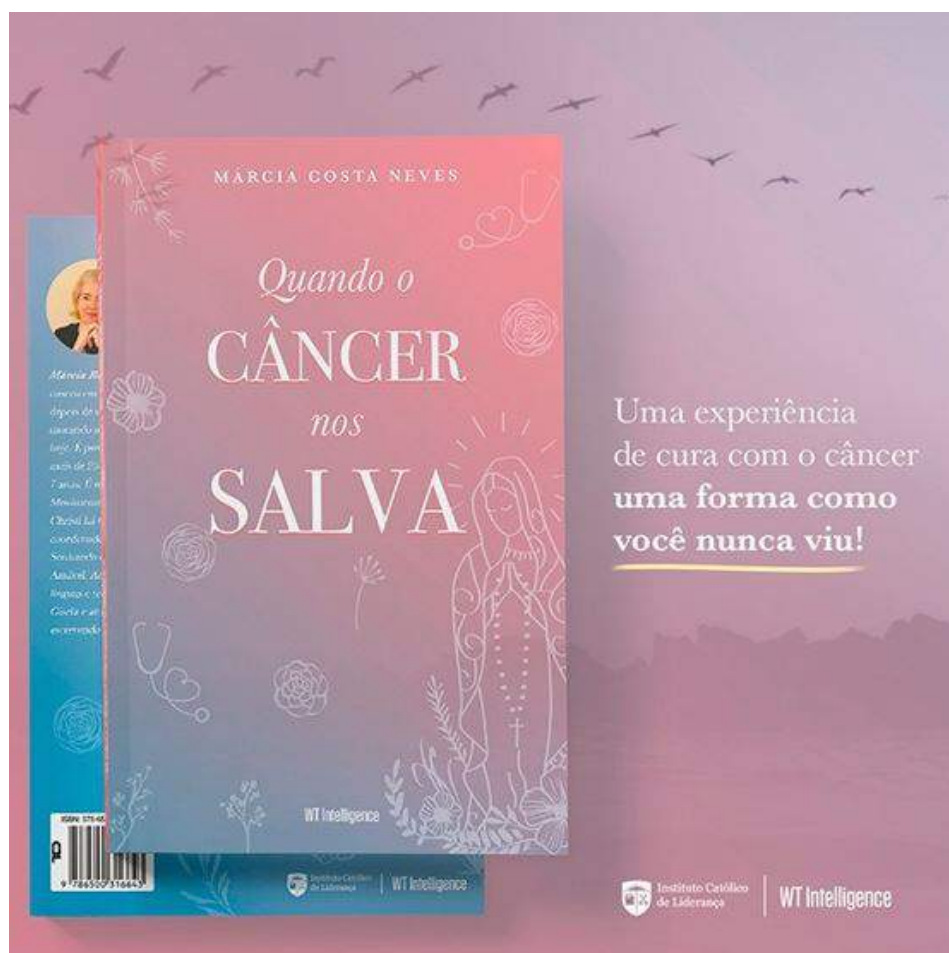
Eu escolhi prestar atenção nas coisas boas que estavam acontecendo no meio das ruínas.

Foi uma escolha que decidi fazer.

E cito Viktor Frankl: *“Tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a liberdade de escolher sua atitude em qualquer circunstância da vida.”*

*Quando não podemos mudar uma situação, podemos mudar a nós mesmos.”*

Muito obrigada.



# ENTREVISTA COM VIVIANE GOUVÊA



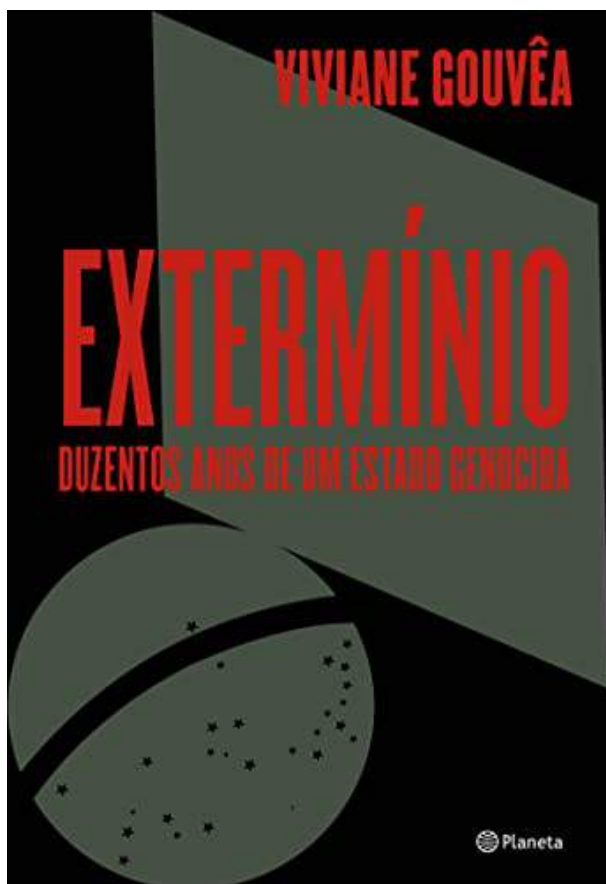
**Viviane Gouvêa**

Viviane Gouvêa, cientista social e mestre em ciência política pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalha como pesquisadora do Arquivo Nacional desde 2006. Em função do seu trabalho, entrou em contato com uma documentação ampla, pública e privada, registros da história brasileira em papel, filme, fotos. Em 2020, em plena pandemia, organizou seus estudos, pesquisas e posicionamentos em um livro que jamais poderia ser editado no âmbito de uma instituição pública, especialmente sob o governo da extrema direita. *Extermínio: 200 anos de um estado genocida* conta um lado macabro da nossa história que nem sempre é discutido como deveria ser.

Além de pesquisadora e escritora, Viviane é fotógrafa e sommelier de cerveja por diversão.

**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Viviane Gouvêa:** Sempre gostei de ler e escrever, mas nunca tinha me aventurado na redação de um livro. Mas a exacerbação da violência no governo Bolsonaro \_ tanto a privada, incentivada por ele e seus asseclas, com a oficial, com as polícias de todo o país sentindo-se muito confortáveis com suas práticas ilegais \_ me compeliu a contribuir, de alguma forma, com toda a discussão sobre a violência na sociedade brasileira. Eu já trabalhava há muito tempo no Arquivo Nacional, no setor de pesquisa e difusão, então eu tinha muito material e muitas ideias acumuladas, muito a dizer. Chegou a pandemia, uma tragédia mundial, mas por fim o ficar em casa me permitiu produzir um livro sobre o assunto. Apresentei a algumas agências e editoras, e acabei me juntado ao time da agência VBM, através de quem assinei com a editora Planeta.



**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Extermínio - Duzentos anos de um Estado genocida" (Editora Planeta). Poderia comentar?**

**Viviane Gouvêa:** Extermínio: 200 anos de um Estado genocida conta com oito capítulos, cada um deles dedicado a alguma atuação específica das nossas instituições no sentido de fazer uso ilegal do aparato policial e militar para reprimir demandas e movimentos sociais, em diferentes regiões do Brasil, em diferentes épocas desde a Independência, contra diferentes grupos. O livro busca mostrar o quanto essa violência ilegal, sistemática e seletiva – em geral contra pobres, não-brancos, trabalhadores \_ foi fundamental na formação do nosso Estado e como é crucial, até hoje, para manter os níveis de exclusão e desigualdade absurdos com os quais convivemos, aliás, únicos em democracias. O livro se concentra em

períodos liberais ou democráticos justamente para mostrar como os mecanismos de repressão ilegal e seletiva não apenas sobrevivem, mas mantêm sua utilidade fora de períodos de ditadura.

Da cabanagem, nos anos 1830, às chacinas nas favelas como as de Jacarezinho e Vigário Geral, no Brasil contemporâneo, *Extermínio* levanta questões acerca dos reflexos dessa violência oficial nos nossos ódios cotidianos.



O livro traz documentos de várias origens, em geral produzidos na época em que ocorreram os eventos narrados, como forma de apresentar a um público leigo e talvez mais inexperiente em termos de pesquisa o que são fontes de informação, e o que há por trás dessas fontes: a dor de seres humanos comuns.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Viviane Gouvêa:** Quando eu era adolescente eu li um livro chamado Brasil Nunca Mais, lançado em 1985. A obra é resultado de um projeto exaustivo e corajoso, organizado por religiosos de três agremiações distintas, uma compilação de casos de tortura e morte perpetrados pelas autoridades durante o governo militar, casos pesquisados e documentados, inclusive no próprio Superior Tribunal Militar. Duas coisas me impressionaram no livro: a violência desmedida de agentes oficiais, e os registros, a documentação dessas violências, os casos individuais, as tragédias pessoais. Acho que ter contato com esse tipo de documentação em primeira mão ajuda a transformar números em pessoas.

Eu tento escrever um pouco como se estivesse conversando. O livro não é de forma alguma acadêmico, é um livro de popularização da nossa história, então não tenho compromisso com uma estrutura rígida que um trabalho acadêmico exigiria. Mas tenho um compromisso com a verdade possível, e através dos registros encontrados em várias instituições de guarda (além do Arquivo Nacional, Museu do Índio e Casa Rui são alguns outros exemplos) busco contar a história que arrasou com a vida de tantas pessoas.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Viviane Gouvêa:** Nenhum aparato estatal no mundo funciona sem violência \_ o monopólio do seu uso (legítimo), na verdade, é considerado por muitos um caráter definidor do Estado. Mas o nível de violência oficial discricionária e ilegal é historicamente elevado em determinadas regiões do globo, e no Brasil esse nível não apenas é elevado, mas apoiado por camadas da sociedade que não se beneficiam dela.

É preciso tirar o chapéu para uma elite mesquinha e perversa como a nossa (como muitas delas, planeta afora) que conseguiu incendiar o país várias vezes com o apoio ativo de cidadãos que não tinham como escapar da fumaça ou das chamas. Foi com frequência prodigiosa que elas (nossas elites perversas e mesquinhas) convenceram uma maioria ainda mais surpreendente de que há brasileiros contra os quais toda e qualquer violência é legítima, e deve ser colocada em prática por agentes do Estado, sem necessidade de respeito pelas leis criadas por este mesmo Estado.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho?**

**Viviane Gouvêa:** Há links para compra do livro a partir do link da editora Planeta: <https://www.planetadelivros.com.br/livro-exterminio/359272>

A Livraria da Travessa, aqui no Rio de Janeiro, e outras livrarias Brasil afora estão vendendo em suas lojas físicas.

Para quem se interessar, no Instagram sou @viviane\_gouvea\_28, e meu email é vgfoto71@gmail.com

### **Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Viviane Gouvêa:** Em primeiro lugar, não há idade para começar. Quinze ou 80 anos, depende do que temos a dizer.

E mesmo quando achar que o texto está uma bagunça ou sem sentido, continue escrevendo. Uma hora tudo se encaixa.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Viviane Gouvêa:** Ainda não. Mas venho pensando cada vez mais em escrever sobre essa era de ódio e mentira em que vivemos, misturando fato e ficção.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Ópera dos Mortos, de Autran Dourado

Um ator ou atriz: Jane Fonda, diva da geração da minha mãe

Um filme: A eternidade e um dia, de Angelopoulos

Um hobby: Fotografia

Um dia especial: Aquele em que nasci

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Viviane Gouvêa:** O mais óbvio de todos: leiam. Leiam livros, presenteiem livros, estudem livros. Lê-se muito pouco no Brasil, as pessoas compram poucos livros aqui. Ler é diversão, aprendizado, poesia. É alimento para a mente e o espírito, como dizem por aí.





Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

# Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima

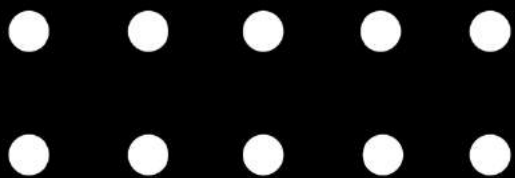
DO AUTOR ★  
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR  
O LIVRO

## LIVRO FÍSICO:

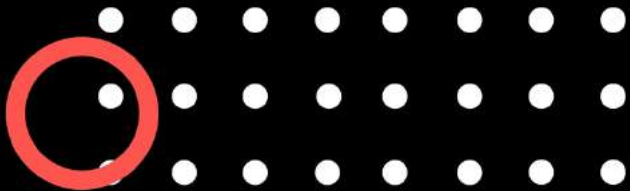
- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/cdtr5)





# CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na  
Revista Conexão Literatura





## **SYLVIA PLATH**

Respirei fundo e escutei o  
velho e orgulhoso som do  
meu coração. Eu sou, eu  
sou, eu sou.





## **HONORÉ DE BALZAC**

É tão absurdo dizer que um homem não pode amar a mesma mulher toda a vida, quanto dizer que um violinista precisa de diversos violinos para tocar a mesma música.



# VOLTAIRE

Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas.



# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando  
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais  
e fique por dentro do que acontece  
no mundo dos livros*



**@revistaconexaoliteratura**



**@conexaoliteratura**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**





## *Senhor Josué*

### **MINICONTO**

"Fazia muito calor naquela manhã de verão, do ano de 1968, em Roseira, cidade a 9,8 Km de Aparecida, interior de São Paulo..."

**MÍRIAM SANTIAGO**

Fazia muito calor naquela manhã de verão, do ano de 1968, em Roseira, cidade a 9,8 Km de Aparecida, interior de São Paulo - Município que entre 1780 a 1840 foi um centro produtor e exportador de açúcar, aguardente, milho, feijão, arroz, farinha de mandioca, fumo, algodão e azeite de mamona - e o senhor Josué seguia a vida na tranquilidade, prestes a completar 65 anos de idade.

Seguindo a tradição de seus ancestrais espanhóis, que cultivavam legumes e verduras desde meados de 1840, época em que a Cidade começou a receber também imigrantes italianos, franceses e japoneses, o senhor Josué acompanhou o “legado” da família de lavradores, vivendo ele também do cultivo.

Homem pacato e conhecedor da terra, do ar e, principalmente do ser humano, não tinha ambições, trabalhar, vender e viver na simplicidade era a sua marca alcançada pela religiosidade.

Senhor Josué, como era conhecido pelos habitantes, desde o nascimento até aquela idade vivia no mesmo local, sem interesse em conhecer, pelo menos, a Capital Paulista. O homem residia em sua terra, arada e cultivada com suas próprias mãos e também de sua saudosa esposa, que falecera há quase cinco anos.

Acostumado ao sol forte e à chuva, ele não temia nada e nunca fez corpo mole para o trabalho, começando cedo no campo. Residia em uma simples chácara, mas rica em solo, pois tudo o que ele plantava, mesmo não sendo da região, era cultivado em abundância. Por isso, os moradores diziam que o senhor Josué tinha “mãos abençoadas”.

Num certo domingo, como de costume, Josué acordou cedo, e logo após a missa foi visitar seu amigo Francisco em Potim, cidade limite. Pegou a estrada com seu Ford Rural, sim, ele estava mais moderno, deixando aposentada a charrete, e em poucos minutos chegara à cafeteria, um pequeno comércio que Francisco mantinha com dois empregados e, aos domingos, atendia sozinho, mas durante a semana servia também almoços e lanches.

Ao estacionar, olha ao redor e todas as janelas estavam fechadas.

*Estranho, será que Francisco está doente?* Pensa Josué.

Ao entrar no estabelecimento e caminhar poucos metros a porta da rua se fecha, sozinha.

Josué não olha para trás, apenas continua andando lentamente.

O local estava na penumbra.

A cada passo lento, a imagem de Francisco aparecia em sua mente. Do sorriso feliz todos os domingos ao vê-lo e do abraço saudoso ao reencontrá-lo. Em suas recordações, os bons momentos e as melhores lembranças da vida em que passara com ele. Amigos desde crianças fizeram quase tudo juntos. Desde a viuvez de ambos, Josué passava os domingos no café do amigo, e juntos, superavam a falta das esposas.

O ar do ambiente estava com um cheiro diferente. Não era dos produtos que Francisco limpava o chão, e sim um odor adocicado, como um perfume de mulher. Era algo que o deixava um pouco atordoado e a cada respiração, o aroma parecia querer dominá-lo!

Josué começa a escutar vozes que vinham de algum lugar, estavam distantes, do alto, mas docemente eram femininas e falavam com ele.

— O homem entrou de livre e espontânea vontade. — Sussurra uma voz.

Josué sente seu coração bater mais forte, e o sangue percorrer suas veias, o corpo quente, e a cabeça latejando sensações de prazer. Sentimento que há muito tempo não cultivava.

Senhor Josué para de caminhar por uns instantes e se recompõe, enrijece o corpo e limpa a mente. Continua lentamente até o balcão. Chegando, chama por Francisco.

Para sua surpresa, vem um homem alto, jovem, bem vestido, cabelos aos ombros, e de uma beleza nunca vista por aquelas terras.

— Onde está meu amigo? — Pergunta ao jovem.

— Ele não estava se sentindo bem e foi embora. — Diz o estranho.

— Quem é você que Francisco nunca mencionou? De onde veio?

— Quantas perguntas! Indaga o rapaz, com um olhar sarcástico. — Quem é você?  
— Questiona o jovem fitando o rosto do idoso.

— Eu sou Josué, o melhor amigo de Francisco. — Responde.

E as vozes não paravam de sussurrar e de gemer aos seus ouvidos!

— Quem mais está com você? — Pergunta o velhote ao belo jovem.

— Meu grupo. — Responde.

Josué percebe que não era boa coisa, e onde estariam os outros?

De repente, um a um foram se chegando e postaram-se atrás do balcão a olhar para ele.

Fitando-os, o idoso entende que aquelas pessoas deram fim à vida do querido amigo e o próximo seria ele.

— Então esses são os integrantes do grupo? — Pergunta.

— Sim, são eles. — Responde o homem, que não permite que ninguém falasse com o intruso.

Mesmo sem ver os rostos nitidamente por causa da pouca luminosidade do local, Josué pode senti-los verdadeiramente. De formas arrepiantes, tinham caninos enormes e pontiagudos!

— Há, agora compreendi o que vocês fizeram com Francisco. — Retruca, encarando aqueles seres inumanos.

Josué, sob o olhar de todos, sente pulsar sua jugular e sabia que não tinha muito tempo. Ele então fecha os olhos e dá alguns passos para trás.

O grupo o observa, aguardando ordens do chefe.

Lentamente o senhor Josué eleva as mãos ao alto e um clarão, como um raio de sol, ilumina o ambiente sob o seu comando, e a luz foi tão forte, que os seres ficam desorientados e agoniados.

Josué vira-se e lentamente vai se afastando do balcão, caminhando até a entrada do café.

Chegando, abre a porta e a fecha, sem olhar para trás.

Josué vai ao carro, abre a porta e sempre calmo, toma o rumo da estrada de volta para casa.

Continuando sem olhar pelo retrovisor, o homem pôde sentir e ouvir os gritos vindos do café, o grupo inteiro suplicava, enquanto o fogo tomava conta do lugar e o bando nada conseguiu fazer. As labaredas queimaram e purificaram até o local ficar completamente destruído.

No caminho, Josué suspira.  
Olha para o céu e agradeceu a Deus.



**Miriam Santiago:** jornalista e formada em Letras. Publicou nos livros: “Livro Negro dos Vampiros”; “A Mulher Japonesa Imigrante”; “Histórias de uma Noite de Natal”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore – contos inspirados em Edgar Allan Poe”; “Mrs. Hyde” e Contos de Terror, da Fábrica de E-books. Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com> Contato: [miriammorganuns@hotmail.com](mailto:miriammorganuns@hotmail.com)



## *Sopro final*



**CONTO**

*"A vida é um sopro e eu tenho minhas incertezas sobre as benesses de conhecer sua fragilidade."*

**VINÍCIUS JALES**

**A** vida é um sopro e eu tenho minhas incertezas sobre as benesses de conhecer sua fragilidade.

As pessoas que amamos começam a referir-se ao futuro como um lugar onde sua presença já não será garantida; a dúvida sobre o dia de amanhã, a vida e a morte, o estar e o não estar, invade melancolicamente nossos pensamentos.

A constante e penosa agonia de já ter vivido uma porção da jornada ao nível da mediocridade, sem ter construído grande legado; um ser supérfluo que ainda busca redenção de erros passados, a busca da perfeição que jamais será alcançada e a decepção de ser algo falho. A noção de saber que nunca iremos desfrutar de todos os prazeres da vida, a certeza de caminharmos silenciosamente à total inércia sem termos conhecido todos os tons de azul do mar e nem termos escutado todos os diferentes modos de cantar dos pássaros.

Escrevemos histórias todos os dias, mas sabemos que nossas páginas são papéis frágeis e limitados. Tendo que usa-los com sabedoria e sem a oportunidade de apagar uma palavra sequer.

No fim a vida é mesmo um sopro: um sopro que poucos têm coragem de soprar.



**Vinicius Jales:** nascido em Santos, no litoral de São Paulo, em 2001, faz graduação em Psicologia, área na qual se debruça com amor na tentativa de responder seus próprios questionamentos internos e um dia poder ajudar pessoas com suas próprias questões. A escrita foi sua descoberta de um refúgio e a tentativa de nominar o inominável, uma forma de esvaziar a inevitável dor humana e plantar uma flor nos escombros dos dias que nos vemos mais devastados.



Incentivo à leitura



## A Metamorfose

**CONTO**

*"Marie Louise correu pela grama procurando a bola, viu-a descer por uma inclinação da colina e parar às costas de um homem sentado na grama, parou."*

**NEY ALENCAR**

**M**arie Louise correu pela grama procurando a bola, viu-a descer por uma inclinação da colina e parar às costas de um homem sentado na grama, parou.

Olhou-o com certa curiosidade, era alto e diferente de todos que já havia conhecido, o rosto fazia-a imaginar aquelas estátuas estranhas dos antigos deuses que vira no museu, no fim do colegial. Tão diferente!

Havia uma centelha de mistério naquele olhar perdido que mirava as matas abaixo da colina, no fundo do vale.

Josephine parou ao seu lado e riu, respirando com dificuldade.

— Que foi Marie? — depois olhou para a figura que parecia feita de pedra — Ah, você descobriu o gárgula?

— Quê? Como o chamou?

— O gárgula! — repetiu a amiga rindo — Ele só fica ali parado, o tempo todo. Não anda, nem fala, nem come nem faz nada, só olha para a mata. Já faz uma semana que está ali. Não reparou?

— Não. — replicou Marie franzindo as sobrancelhas loiras — Será que é um faquir?

— Ah, não sei não, talvez seja só mais um daqueles esquisitões. Pegue a bola e vamos voltar. Michel e Ramon já estão chamando.

— Vá com eles, que vou pegar a bola. — disse Marie andando devagar até o homem.

Olhou-o mais de perto. Seu rosto era impassível, não demonstrava nenhuma emoção, os olhos, apesar de abertos, pareciam não ver nada diante de si.

Ela ficou parada à frente dele, fazendo sombra. Queria chamar-lhe a atenção!

Os minutos se arrastaram e quando ela já ia embora ele piscou, os olhos azuis piscaram três vezes e ele moveu o rosto para ela, mesmo assim parecia não vê-la de verdade.

— Não quer jogar comigo? — perguntou ela sorrindo e estendendo-lhe a mão.

Ele não pareceu notar. Permaneceu imóvel. Depois de algum tempo olhou para a mata e voltou seu rosto para ela, parecia cansado e distante, respondeu:

— Não, muito obrigado. — e voltou o rosto novamente para os carvalhos.

— O que você está fazendo? — perguntou ela curiosa.

Parecendo fazer um enorme esforço ele voltou novamente seu rosto para ela e disse:

— Estou conversando com os carvalhos.

Ela sorriu, como se ele tivesse dito uma piada, vendo no entanto que ele continuava sério, imaginou que estava brincando com ela. Deixou-o e retornou ao seu jogo.

Nos dias que se seguiram ela tornou a vê-lo diversas vezes, sempre sentado no mesmo lugar, fizesse chuva ou sol. Apenas ali, parado, olhando a mataria de carvalhos abaixo.

Certa vez ela parou durante uma tempestade e ficou olhando para ele, sentado na chuva, sendo fustigado e molhado sem sequer se mover, nem mesmo piscava.



Estava intrigada com ele. Será que era louco? Procurou saber onde estava hospedado, afinal depois de uma semana procurando descobriu que era em uma pensãozinha ali perto, o dono dissera que ele dizia chamar-se Darach, sem sobrenome.

Marie ficou intrigada, afinal que nome era aquele? Não era francês, definitivamente. Nem inglês, nem alemão. E ele não parecia ser africano nem chinês. Que homem estranho e fascinante!

No dia seguinte ela trouxe uma cesta de piquenique e abriu uma toalha diante dele, sentou-se, abriu uma garrafa de vinho e colocou um pouco em um copo. Ele continuou parado olhando a mata de carvalhos. Ela pariu um pedaço de bolo e uma torta ainda fumegante.

Ele piscou e voltou seu rosto para ela.

— O que você quer?

— Darach? Este é seu nome?

— Como sabe meu nome? — a voz era sempre a mesma, sem emoção nenhuma.

Ela sorriu, havia conseguido sua atenção, era isso que queria.

— Como consegue ficar sentado aí durante uma semana sem se mover? Sem comer nem beber nada?

— Você está me observando? — ele pareceu divertir-se com a idéia.

— Estou. — admitiu ela sorrindo de novo — Gostaria de conhecer sua história! Por que fica aí sentado apenas olhando para os carvalhos?

— Como já disse estou conversando com eles. São meus irmãos e irmãos e parentes distantes. Todos ali e eu aqui.

— Ora, você é um homem e eles são apenas árvores. — riu ela sem entender — Como pode ser uma coisa assim?

— Ah. Se você soubesse.... — começou ele voltando-se para ela e pegando o copo de vinho tomou um longo gole — Eu estaria ali com eles, olhando-a daquela depressão no vale, se não fosse pelo druida....

— Como assim? Não o entendo. É jovem e forte e deixa o tempo se escoar assim. Deixa a vida passar sem viver! Porque? Olhe para mim! Quero conhecer sua história. Quero fazê-lo acreditar na vida e fazê-lo viver novamente. É preciso.

— Para quê? Sua curiosidade não me faria bem nem a mim nem a você. E quando conhecer minha história me achará louco. Não é uma vida interessante! É uma maldição!

— Conte-me e verei!

Ele parou por um instante e deu um longo suspiro.

— Muito bem, vou contar-lhe.

Acordei no fundo deste vale, era Alésia, no ano cinquenta e dois antes de Cristo.

Abri os olhos e olhei ao redor, tudo estava diferente! Respirei fundo enchendo pela primeira vez os pulmões de carne com o ar que me envolvia em um longo hausto. Já não podia ver os outros carvalhos como meus iguais, eram agora sombras altas e vetustas que me olhavam com olhares arregalados de susto e medo. Já não podia sentir o vento que corria pelos ramos da mata, nem mesmo a chuva que vergastava as copas luzidias sob a luz da lua cheia. Pisquei e tentei lembrar-me!

Antes havia sido um carvalho, tinha certeza disso, lembrava-me de quando despontara pelo solo da floresta, como broto ainda, quando olhara para as silhuetas

gigantes daqueles outros que o cercavam com rostos sábios e plácidos. Lembrava-me do tempo correndo ao seu redor, dos anos e dos séculos que se haviam passado. Lembrava-me até mesmo de quando havia visto Herácles voltar de seu décimo trabalho, trazendo as reses do velho Gerião, e ao descansar sobre um prado, após derrotar um bando de salteadores, fundara a cidade à borda da floresta onde nascera. Senti os músculos repuxando com câibras e movi as mãos recém descobertas, sentei-me e olhei para a figura à minha frente. Um velho druida, os cabelos brancos desgrenhados cobrindo o rosto, os olhos negros brilhantes, reconheci-o pois já o havia visto um milhar de vezes, andando à esmo pelas matas, colhendo visco e outras ervas. Agora o encarava de frente! O velho me havia feito homem como ele, mas... para quê? Falava em uma língua estranha, e entendi as palavras quando estas me chegaram através dos ouvidos recém formados.

Era um guerreiro agora, o velho me dizia, devia lutar por ele e pelos seus para expulsar os outros homens, aqueles que o velho chamava de Romanos, devia matar todos eles. Levantei-me, os músculos ardiam de vontade de combater, o velho pintou meu corpo com o anil da morte, tinta fria e viscosa, entregou-me uma espada larga e comprida e apontou para o monte onde se erguia a cidade. A passos largos segui para o monte.

Sombras surgiram à minha frente, agulhões foram atirados contra mim, mas minha pele, grossa como madeira de carvalho do qual era feita, repeliu as armas do inimigo.

Ergui a espada e feri um depois do outro, batendo por terra mais de dez, um grito porém me faz parar, era o velho druida! Voltando-me vi que o velho havia sido ferido por uma lança comprida e jazia por terra, já morrendo. Tomei sua cabeça entre as mãos, olhando-o nos olhos negros que já perdiam a luz.

— Que será de mim agora? — perguntei, as primeiras palavras formadas por meus lábios ainda virgens. O velho não respondeu, a cabeça pendeu já sem vida. Suspirei, olhei ao redor, aquela já não era mais minha guerra, com a morte do velho tudo perdia o sentido. Levantei-me e, largando a espada comprida, afastei-me sob uma chuva de setas amargas. Assim foi que virei homem!

Marie sorriu sem compreender!

— Diz que foi um druida que o transformou de carvalho em homem? Que história mais bizarra! Como pode ser uma coisa assim? E que isso aconteceu antes de Cristo nascer? Quantos anos você teria agora?

— Mais de dois mil anos já se passaram desde que me tornei homem! Vi e vivi mais do que qualquer outro homem! Já não quero mais viver. Quero tornar a ser um carvalho. Deixar-me ficar junto aos meus, até que outro homem venha e corte meu tronco e me transforme em carvão.

— Que idéia sem pé nem cabeça! — falou Marie.

Já o sol descambava pelo horizonte. O homem levantou-se e pousou a taça vazia sobre a toalha. Olhou para Marie e ela pode ver que havia um brilho diferente dentro daqueles olhos, como se eles fossem tão velhos como ele contara.

O homem caminhou a passos largos pela grama incandescente dos raios do pôr do sol.

Sua silhueta afastou-se de Marie sem fazer nenhum barulho, ela o viu despir as roupas e entrar na mata de carvalhos no fundo do vale.

Somente quando ele desapareceu por completo foi que ela se deu conta de que aquilo que era contara era uma história verdadeira.

Mas então, quando correria para procurá-lo, já não o encontrara mais.

Deixou a mata e retornou para o hotel.

Quando a noite veio o vento da mata correu pelos ramos de um novo carvalho!



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.



# *Manual da Bruxa Moderna*

**CONTO**

*"Deusidéria Dente-de-Leão era uma bruxa! Uma bruxa moderna!  
Não que ela fosse jovem e bonita, ela não era."*

**NEY ALENCAR**

**N**ão que ela fosse jovem e bonita, ela não era. Em nenhum sentido, mesmo quando olhamos os sentidos possíveis e os mágicos. Na verdade, ela tinha... bem, ela não gostava de discutir questões de idade, digamos que ela era bem velha e ficamos por aí!

Havia passado por muita coisa nesses séculos que se perdem na memória.

Aprendera a duras penas que a humanidade não era “humana” em quase nenhum sentido, muito menos naqueles representados pelas bruxas ou seus associados.

Mas no início do século XX descobriu que precisava mudar, acompanhar a evolução e desenvolvimento da sociedade, afinal precisava “se virar” pra sobreviver.

A transição havia sido muito difícil, afinal ainda desconfiava muito da assim chamada “Ciência” cujos adoradores haviam morto tantas de suas amigas no decorrer dos séculos e tornado sua vida bem mais difícil do que poderia ter sido.

A “modernização” dos métodos de bruxaria havia trazido mudanças radicais na maneira como trabalhava.

Durante todo o século XX, uma época de guerras e descrença aviltante, ela tentou de maneira sub-reptícia engajar-se na sociedade, sem muito sucesso.

Foi somente com o fim do século, lá pelos anos 70, que percebeu que uma grande mudança estava acontecendo e isso poderia ser a solução para seus problemas.

Com as descobertas científicas do novo século ficou fácil manipular as propriedades das ervas e dos cristais.

Um curso rápido de biologia e outro de geologia ambos por correspondência serviram maravilhosamente para inseri-la dentro de alguns grupos cativamente leigos que logo passaram a apreciar seu “método natural” de trabalho.

Cursos especializados em Tarô e Magia Ritual na era moderna lhe abriram as portas das redes sociais, possibilitando um sem número de clientes, sem os inconvenientes da inquisição ou dos caçadores de bruxas!

Claro que teve se atualizar quando veio a internet, a questão intrínseca dos computadores como criadores randômicos de trolls e odiosos manipuladores de palavras era uma questão que ainda a perturbava demais!

É claro que ainda se utilizava de seus “talentos ocultos” na manipulação das cartas e de sua vidência na elucidação dos casos mais complexos, porém na maioria das vezes era só uma questão de interpretar a cliente e perceber o que realmente ela queria ouvir quando marcava uma consulta, na maioria das vezes eram mulheres solitárias que desejavam uma nova perspectiva para sua vida, ou mocinhas curiosas com desejos inusitados de conhecer o que lhes reservava as Senhoras Cinzentas.

A maioria se contentava com uma releitura de seus horóscopos, alguns conselhos sobre o que deveriam fazer e algumas receitas de chás de ervas para relaxar e abrir a percepção.

A dificuldade era ter que lidar com as bruxas “caseiras” ou de “fim de semana” que se encantavam com ela e logo queriam juntar-se ao seu “círculo mágico”.

Afinal ela nunca tivera um destes, sempre fora mais solitária.

Um círculo requeria pelo menos cinco pessoas e ela sabia muito bem o que uma boca frouxa poderia causar quando todos estavam caçando bruxas e lançando-as na fogueira ou afogando-as em tonéis de água fervendo.

Vira muitas de suas amigas traídas por outras “amigas”, assim preferia trabalhar sozinha. Uma mera questão de sobrevivência, é claro!

Mas mesmo no novo século o preconceito ainda era muito grande.

A igreja não havia esquecido as bruxas!

E havia é claro o grande preconceito do “politicamente correto” que girava como um redemoinho de Cila pela internet, isso realmente podia acabar com uma pessoa!

Havia, é claro, organizações secretas que cuidavam para que as bruxas verdadeiras, assim que fossem devidamente descobertas, desaparecessem sem deixar vestígios.

Isso a preocupava ainda!

Recentemente acontecera um fato que a deixara muito perturbada!

Ela estava calmamente lendo um daqueles romances modernos, muita ação e pouco conteúdo, quando percebeu que alguém a estava observando.

Olhou ao redor preocupada, afinal naquela época de incertezas uma certeza como aquela era no mínimo preocupante.

Um senhor muito idoso entrou na cafeteria, vestia um casaco preto e trazia uma bengala de prata na mão esquerda, em um passo claudicante, veio até a mesa onde ela estava e sentou-se à sua frente.

Ela o olhou profundamente com um suspiro, não se recordava de tê-lo conhecido, nem sabia quem ele era, mas tinha uma certeza quase profética que ele a conhecia e sabia quem ela era. Isso era perturbador, e geralmente nunca terminava bem.

Ele fixou os olhos bem pretos nela, por um longo momento e afinal falou:

— Eu a procurei durante muito tempo!

— Não o conheço. — redarguiu ela sem emoção no olhar que lhe dirigiu, já imaginando como iria fazer para sair dali, pois só conhecia a porta da frente.

— Não, não me conhece. — concordou ele — Mas eu sei quem você é Deusidéria Dente-de-Leão. Eu a vi uma centena de vezes e acompanho seus passos há várias décadas. Você tem estado sob nossos olhos há muito tempo. Temos vigiado cada passo que dá, cada coisa que faz.

— Nós? Vocês? Quem são? Com que direito me vigiam? — agora sim ela estava encurralada.

— Isso não importa. — desdenhou ele tirando um cachimbo antigo do bolso, colocando fumo e acendendo-o.

— Bem, se isso não importa, o que o fez vir aqui? Não foi pelos meus belos olhos, não foi?

O homem sorriu, como se lembrasse de alguma coisa engraçada.

— Sabe, você foi minha primeira bruxa de verdade! Nunca conheci outra como você!

— Você deve estar me confundindo com outra pessoa.

— Quando recebi seu arquivo você já era igualzinha como é hoje, não mudou nada! E deveria, levando em conta que eu tinha apenas vinte e dois anos na época.

Ela sabia que não adiantava tentar escapar e resolveu jogar o jogo dele para ver onde aquilo ia dar.

— Muito bem, Gustavo Macieira! Não me olhe com essa cara de espanto. Saber seu nome é uma coisa tão simples como ler as folhas de chá. E eu já fiz isso milhões de

vezes, literalmente! — sorriu ela diante do silêncio surpreso dele — Posso não ter muita certeza do nome da organização à qual você se filiou, acho que são Os Santos Inquisidores, não? Ou talvez Os Iluminados Inquisidores?

— Não. Somos somente Os Inquisidores. Mais formal e menos complicado. — respondeu ele sorrindo — Fico feliz que saiba meu nome. Hoje é meu último dia de trabalho e não podia me aposentar sem me despedir de você, afinal passei praticamente toda minha vida estudando e vigiando você.

— Por que você me vigiava? Pareço assim tão perigosa?

— Não, é mais uma coisa que fazemos porque os antigos inquisidores faziam. Não vigiamos bruxas para atacá-las ou matá-las. Não fazemos essas coisas. Gostamos de pensar que somos guardiões da humanidade e a protegemos das coisas que poderiam facilmente acabar com ela.

— Os homens, por exemplo? Porque você sabe que a humanidade é seu pior inimigo não sabe? Eu poderia lhe contar as centenas talvez milhares de vezes que vi homens comuns sendo os piores inimigos que outros homens poderiam ter. E isso deixa de fora muitas coisas horripilantes que vivem na escuridão e entre as fímbrias da realidade que fariam qualquer caçador de bruxas de antigamente chorar como uma criancinha.

— Eu estava pensando em vampiros, lobisomens, demônios e coisas do gênero.

— Ah, você está desatualizado. Os vampiros já não precisam mais matar para conseguir sangue. A maioria é muito bem de vida e pode comprar sangue natural ou sintético em um banco de sangue. E os lobisomens, bem esses são tão raros e tímidos que raramente você vai encontrar algum pelas cidades, talvez um hippie no meio do mato. Os demônios já não são mais como antigamente, deixaram esse plano por causa da queda nos preços dos serviços que forneciam. Hoje qualquer pessoa pode enriquecer apenas dando cursos pela internet ou assistindo filmes e series, não precisa vender a alma. Quanto ao amor, ou sexo, se preferir, a humanidade está tão devassa que recentemente vi um demônio corar quando lhe mostrei o que ele poderia encontrar nos sites grátis de pornografia online. Não acho que nenhum desses represente qualquer perigo à humanidade. Ela já é perigosa por si mesma! Digo isso por experiência!

Homem pareceu meio desiludido.

— Eu sei. — concordou ele — Não queria ter que admitir isso, mas você tem razão. Mesmo assim eu queria conhecê-la antes de me aposentar. Você é uma raridade nos dias de hoje. Não existem muitas bruxas verdadeiras por aí!

— Eu sei. — ela disse numa voz cansada — Ainda ontem estava conversando com uma amiga através do espelho mágico e ela me disse que estava pensando em se mudar daqui para uma das terras fantásticas além das terras que conhecemos.

— Alguém que eu conheça? — perguntou ele curioso.

— Ela era chamada de A Velha Cinzenta! Mas isso já fazem uns bons séculos.

— Não conheço. — disse ele balançando a cabeça negativamente.

— Talvez ela gostasse de você. Ela tinha uma predileção especial por inquisidores antigamente. Mas preferia eles mal passados! Reclamada que eram meio fibrosos. — contou a bruxa rindo à socapa.

O homem a olhou e riu.

Riram juntos compartilhando o momento!



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.





## O Pássaro Wee

### CONTO

*"Nova Vênus, terceiro planeta do Sistema Nova Terra. Stax Reeche.  
O detetive Jockley Gowl olhou o cadáver mutilado à sua frente e balançou a cabeça tentando compreender o que havia acontecido ali.  
Nada fazia sentido!"*

**NEY ALENCAR**

**N**ova Vênus, terceiro planeta do Sistema Nova Terra. Stax Reeche.  
O detetive Jockley Gowl olhou o cadáver mutilado à sua frente e balançou a cabeça tentando compreender o que havia acontecido ali. Nada fazia sentido!

A casa nos subúrbios da capital estava totalmente fechada por dentro, as seis janelas aferrolhadas, a porta de frente e a dos fundos trancadas e até mesmo a entrada da chaminé havia sido lacrada. Não que isso fosse usual naquele local, o bairro era considerado um dos mais seguros da capital, e os níveis de criminalidade eram quase inexistentes tanto ali como no próprio centro da cidade. O dono da casa, que encontrava-se morto à seus pés, obviamente possuía alguma fobia incompreensível para trancar-se assim, mas cada humano com seus problemas. Bem, ele próprio não era humano, era um ciniano originário do planeta Riox, no Stax Borealis, anos luz de distância dali, mas havia estudado com cuidado os modos e comportamentos dos seres humanos, suas fobias e suas derivações. Havia conseguido um diploma de Mestre em Exopsicopatologia pela universidade de Magebot. Mesmo assim não conseguia compreender o modo brutal como aquele assassinato havia ocorrido.

O sargento Rian, este sim humano, aproximou-se e indicou:

— A varredura da casa está completa senhor! Todos os cômodos foram verificados e não foi encontrado nenhum traço de identificação genética, a não ser da vítima e do pássaro.

— O pássaro? — perguntou Jockley e depois lembrou-se, sim, o diminuto pássaro preto de crista azul que estava em uma gaiola grande feita de fibras de madeira avermelhadas, que a vítima havia trazido de uma de suas viagens — Não encontraram mais nada?

— Não senhor.

— Deve haver alguma coisa que deixamos passar. — pensou ele em voz alta — Verificaram o assoalho, para o caso de existirem porões ou câmaras subterrâneas?

— Sim, o chão é sólido, senhor.

— Bem, então não temos mais nada a fazer aqui. Chame o doutor Orville para retirara o corpo e fazer o exame cadavérico. Peça-lhe para aprontar o resultado o quanto antes. Parece que o morto era alguém importante o suficiente para que o Comissário ficasse muito nervoso com o fato. Quero resolver o caso o mais rápido possível!

O sargento concordou com a cabeça, não era bom desagradar o comissário!

Já era noite quando o corpo foi retirado. O policial Oran ficou de guarda dentro da casa, para preservar evidências. A manhã seguinte, no entanto, foi de completo horror.

O sargento Rian, ao abrir a porta para a troca da guarda, descobriu o corpo horripantemente mutilado do policial. O detetive Jockley foi chamado imediatamente!

Ao entrar no cômodo onde estava o corpo do policial o detetive parou, tudo estava feito como se fosse uma reprise do assassinado anterior, as mutilações haviam sido as mesmas, a casa estava fechada por dentro, nada entrara ou saíra dali. Havia deixado passar algo com certeza. Talvez um metamorfo ou um imitador! Havia alguma coisa ali que não estava certo. Deixou o sargento cuidando dos protocolos e foi direto ver o médico legista.

O doutor Orville estava na primeira xícara de café diante do corpo da vítima quando Jockley entrou.

— Bom dia detetive! — saudou o médico com certo sarcasmo.

— Não é um bom dia, doutor! Tenho outra vítima para o senhor, está igualzinha esta aí!

— Não posso acreditar nisso. — falou o médico incrédulo.

— O policial Oran estava vigiando a cena do crime.

— Oran, aquele novato que chegou de Nova Terra?

— Exatamente. As mutilações são as mesmas, veja. — mostrou Jockley abrindo as imagens de sua câmera em três dimensões.

— Realmente! — concordou o médico olhando atentamente — Eu diria que são idênticas. Quem matou este aqui matou também o policial.

— Estamos diante de um criminoso em série? — perguntou Jockley preocupado.

O médico balançou a cabeça e mostrou o corpo.

— Não. Decididamente estas não são apenas mutilações. Quem fez isso se alimentou do cadáver!

— Como? Ele foi... devorado?

— Bem, podemos colocar assim. Grandes porções de carne foram arrancadas pelo que se assemelham a dentadas e como não foram encontradas na cena do crime acredito que foram consumidas pelo assassino. Neste caso acredito que estamos diante de um animal grande e faminto.

— Uma criatura solta no subúrbio? Impossível. Com o tamanho necessário para fazer isso certamente ela já teria sido vista de alguma forma, se não pelos moradores, talvez pelas câmeras de vigilância.

— Não sei de nada disso. O fato é que a vítima foi morta e teve partes de seu corpo consumidas! E esta vai ser a causa da morte que vou colocar no meu relatório.

— Será a mesma do policial?

— Tudo leva a crer que sim, mas irei buscar o corpo daqui a pouco e farei as comparações de praxe. Assim que tiver um resultado eu o aviso.

— Vou esperar.

Dali o detetive retornou à cena do crime. O sargento havia feito uma nova varredura, mas não havia nenhum outro material genético além daqueles já encontrados.

O detetive Jockley andou pelos quartos, pensando desesperadamente.

Devia haver alguma coisa ali que deixaram passar. O criminoso retornara na noite seguinte ao crime e fizera nova vítima então ou ele havia se escondido dentro da casa ou conseguira entrar novamente sem que ninguém visse. A segunda hipótese era extremamente improvável, pois as câmeras de segurança instaladas ao redor do perímetro não haviam mostrado nenhum movimento ou assinatura genética, exceto um cão perdido e alguns pássaros terranos chamados de pombos, que gravitaram ao redor do telhado da casa e foram embora quando anoiteceu. Não haviam colocado câmeras dentro da casa porque as portas e janelas estavam trancadas. Agora estava arrependido desta decisão. Talvez se o tivessem feito o policial ainda estivesse vivo.

Escutou um pio baixo, em som enrolado que mais parecia um grunhido ou rosnado. Olhou para o pequeno pássaro preto. Será que era alguém que estava

interessado no pássaro? De onde ele havia vindo? Tirou uma fotografia e enviou para o doutor Asclépio, um terrano que havia sido seu colega nas aulas do mestrado. Ele agora era exobiólogo na faculdade de Nova Terra, quem sabe não poderia lhe dizer alguma coisa sobre o pássaro.

Afinal resolveu ele próprio ficar de campana dentro da casa para pegar o assassino. Desta vez mandou instalar câmeras de segurança no interior, se houvesse algum perigo real o reforço estaria ali dentro de minutos.

A noite caiu e o detetive jantou e sentou-se em uma poltrona para descansar na sala principal, onde haviam acontecido os dois assassinatos.

Por volta das nove e meia o doutor Orville retornou e confirmou que as duas mortes haviam sido causadas pela mesma criatura, mas não conseguiu descobrir de que tipo era. Os traços de DNA deixados nas mordidas não batiam com nenhum tipo conhecido.

O detetive agradeceu e desligou. Estava completamente no escuro!

Às dez horas o doutor Asclépio retornou sua chamada.

— Jockley, como vai? O que tem feito?

— Boa noite, Asclépio. Peço desculpas por atrapalhá-lo assim, mas é que tenho um caso complicadíssimo e preciso de sua ajuda. — contou o detetive e explicou todos os pormenores do caso — O legista disse que ambas as vítimas foram mortas pela mesma criatura que se alimentou delas. Preciso saber se você conseguiu ligar as mordidas à algum animal daqui ou de outro planeta próximo.

— Não obtive nada neste caso, meu amigo. — respondeu o exobiólogo e então piscou e pareceu lembrar-se de algo que o perturbou — A fotografia do pássaro que me enviou tem algo a ver com isso? É um espécime vivo?

— O pássaro foi encontrado no local das duas mortes, em uma gaiola.

— Estava vivo? — perguntou Asclépio e o detetive pode detectar uma preocupação crescente em sua voz.

— Sim. Estava sim. Na realidade está bem ali na sala ao lado. Por que?

— Você deve sair daí o mais rápido possível, meu amigo. Esse pássaro era encontrado somente no planeta Perdix, no sistema de Xantera. Era raríssimo e consta que o último exemplar foi exterminado há mais de cem anos atrás. Os nativos de lá o caçaram até a extinção porque era extremamente perigoso.

— Você está brincando comigo! — riu o detetive — aquela coisinha minúscula?

— Não estou não! — o pânico na voz do doutor era palpável — Era chamado de Pássaro Wee, era uma das maiores aberrações que a ciência já descobriu! No início, quando Xantera foi colonizado, os terranos acharam que fosse apenas mais um pássaro canoro, somente depois descobriram o erro terrível que cometeram. Você se lembra da famigerada “Noite dos Pássaros”?

— Claro que me lembro! Uma vila inteira de colonizadores chacinados durante a noite pelo que se imaginou serem feras horrendas. Depois descobriu-se o que houve!

— Sim! Foram essas belezinhas horrendas aí! Se não fosse alimentado com carne, transformava-se em uma enorme coisa assassina, retornando ao normal após saciar-se. Uma coisa nunca antes vista em nenhum outro planeta. Mas Xantera era único em tantas outras coisas! — contou o doutor em uma voz lúgubre.

O detetive continuou a escutar as palavras do exobiólogo, mas já não as ouvia, olhava para a porta aberta na qual agora estava delineada a silhueta de uma criatura horrenda, que o olhava com um olhar faminto e soltava sons guturais e cadenciados!

Bem devagar o detetive levou a mão ao coldre enquanto via a coisa blasfema avançar para ele!



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.



## *Bahia de todos os santos e demônios*

**CONTO**

*"A cidade de Mello Rego, no sul da Bahia, é a fotografia da história do coronel Antônio de Mello Rego. Coronel de título comprado, ousado, destemido — tido como justiceiro— grileiro e falastrão."*

**IDICAMPOS**

**B**ahia de todos os santos e demônios

A cidade de Mello Rego, no sul da Bahia, é a fotografia da história do coronel Antônio de Mello Rego. Coronel de título comprado, ousado, destemido — tido como justiceiro— grileiro e falastrão.

O coronel, carioca na certidão, descendente de um português com uma preta linda — solteirão — defensor da moral, descumpridor dos seus deveres, mas astuto nos direitos adquiridos... Construiu fortuna baseado no medo dos outros, falando macio e matando caso fosse conveniente, quem se opusesse a sua vontade... Com apoio, diga de passagem, do então regime militar.

No fim dos anos sessenta, no século XX, chegou ao local, era tudo mato, não tinha quase nada; arrumou emprego numa roça de cacau... Trabalhou para um velho, um indivíduo sozinho no mundo, que apareceu envenenado, num enterro sem velório.

Tomou conta do sítio, em pouco tempo, foi avançando a cerca... tornou-se fazendeiro, adquiriu o título de coronel Antônio de Mello Rego!

Arquitetou, com os capangas, a invasão de uma praga na redondeza, nas plantações dos vizinhos, uma doença do cacau, a “vassoura de bruxa”. A infestação comprometeu a lavoura de cacau na área, conseguindo desta forma espúria muita terra, fortuna incalculável, medida em léguas de milhão...

Montado no cacau, literalmente, tendo a vassoura de bruxa como aliada, mandava na região, fundando o município de Antônio Mello Rego, hoje capital do chocolate. Os moradores de Mello Rego são os mais prósperos da Bahia... O município goza do prazer de contar com o melhor chocolate do mundo: o chocolate Mello Rego; elaborado pela chocolataria do mesmo nome.

O coronel Antônio mantinha os negócios com o pulso firme, diversificou os empreendimentos, criou o Língua Ferina! O Bar Língua Ferina possuía três andares. No primeiro andar negociava cacau. No segundo era a bebedeira, com restaurante e jogatina. No terceiro, o fino trato das belas mulheres baianas, de cor de canela, com sensualidade para dar e vender.

As fêmeas nasciam nas famílias dos trabalhadores rurais, no cultivo do cacau. Os coronéis comiam a carne na zona e roíam o osso na roça...

As astutas, prostitutas inteligentes, manobravam a libido dos milionários, exigiam tratamento de madame: casa montada, vestido novo, joias, um apanhado de regalias... Os ventos mudavam na velhice, quando eram trocadas pelas travessuras das novinhas...

Dos três andares, o puteiro dava mais dinheiro... O comprador ou vendedor de cacau impulsionava o comércio: enchia a cara no bar, cabulava no jogo, perdia o que restava com sexo...

A atividade econômica ia de vento em polpa, dinheiro a rodo... O coronel assistia a toda sociedade: com os pobres trocava o consumo da cesta básica por votos, entretanto os ricos pagavam a conta dobrada. Havendo reclamação o assunto era resolvido à bala.

O capricho de Antônio estava na infância, na sua personalidade pedófila, adorava pegar uma menininha... Com a continuidade da mania passou a molestar os garotinhos...

Comprava a inocência com dinheiro vivo, mancomunado com os responsáveis dos menores... Uma pouca vergonha envergonhava a cidade de Antônio de Mello Rego, comprometendo a formação daquela sociedade, vítima da sexualidade doentia do coronel Antônio.

O coronel candidatou-se a vereador, eleito com sobra, os votos foram advindos dos funcionários do bar, mas também os empregados das fazendas. Garantia a lida, oferecia alimentação, contudo nada de décimo terceiro.

Logo, no próximo pleito, emplacava como prefeito, roubando, descaradamente, do opositor na votação. Valia tudo para manter-se no poder, se aparecesse um forte candidato, não hesitaria em exterminá-lo.

Tinha apoio de Brasília, era o queridinho dos generais, frequentadores, assíduos, do Língua Ferina. Recebiam até desconto, em agradecimento aos favores da presidência da república; afinal o coronel representava o Estado totalitário naquelas bandas.

As taras de Antônio ganharam fama, não tinha limites, no desdobramento dos acontecimentos cismou com uma indiazinha de dezessete anos; uma ninfa, virgem de tudo, alheia às maldades do mundo, chamava-se Esperança.

A pequena Esperança morava na tribo Tupinambá, filha de um pajé respeitado, guardião dos segredos da natureza... A adolescente perambulava, na estrada principal, sofrendo assédio de Antônio, repentinamente.

Munido das considerações de cafajeste iludiu Esperança, mentindo a identidade, simulando boa intenção, jogando conversa fora, enganando a moça com falsas juras de amor... A partir daí bota a mão aqui, segura ali, terminou por invadir o corpo da jovem, violando a virgindade da índia.

A Esperança foi pro brejo... evaporou toda pureza, ficou grávida. Comunicou ao amante, no entanto o canalha sumiu, deixando o afeto ao léu...

Ciente do destino da filha, o pajé buscou reparação, descobrindo a verdade, tratava-se do dono da cidade: o coronel Antônio de Mello Rego. Procurou o casa nova que nem deu bola pro pai...

O inquérito parou na delegacia, nas mãos do delegado, um sujeito sem formação para o cargo, nomeado pelo prefeito. O processo, como de esperado, mofou na gaveta, no arquivo pessoal do agente da lei.



O pajé, homem de fé, ajoelhou na terra, rogou ao Deus Tupã, suplicou a interferência da divindade; alegando, na prece, o amor ao próximo, o respeito com a vida alojada no ventre de Esperança. Um trovão roncou no céu, representava um sinal, Deus ouvira a súplica do sacerdote...

Daí em diante, Antônio, misteriosamente, começou a definhar, ficou triste, acamado, sem apetite, broxou, isolou-se do mundo... Morria aos poucos, quando, ao cochilar, teve um sonho... Na visão, Tupã oferecia uma trégua ao coronel moribundo. A aparição sugeria o amor para desconstruir aquele sofrimento...

Acordou bem disposto, legalizou a prostituição, acertou os direitos trabalhistas dos envolvidos nos negócios... Assinou as carteiras de trabalho, inclusive das senhoras do terceiro andar do Língua Ferina.

O coração do coronel Antônio de Mello Rego batia no ritmo dos tambores do Axé, a imagem da índia Esperança expandia no seu imaginário... Reatou com ela, assumiu a cria, pediu desculpas ao Pajé, casaram na catedral do município.

O rebento deu a cara no mundo, uns dias depois, sendo batizado no xamanismo, na religião da mãe, com o nome de Aquarius.

Os amantes viveram felizes até os últimos momentos, morrendo abraçados, enterrados com glórias, juntos, no meio da mata. No local do sepultamento brotou um pé de cacau, com uma fruta saborosa feito mel, refrescante igual carinho...

Aquarius, o herdeiro, colheu o fruto, construiu o sabor do chocolate, fundou a Chocolataria Mello Rego, despediu-se da existência, deixando um legado... Um doce, o maravilhoso chocolate, oriundo da mistura das raças...



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



## **Esperteza**

**CONTO**

*"No dia posterior à colação de grau no Curso de Direito, o pai lhe disse: 'Eu fiz a minha parte. Agora te vira!'"*

*Foi uma sentença de vida."*

**IRACI J. MARIN**

**N**o dia posterior à colação de grau no Curso de Direito, o pai lhe disse: “Eu fiz a minha parte. Agora te vira!” Foi uma sentença de vida.

Depois de quase um mês de escritório vazio, com inúmeras visitas e cartões entregues a uma multidão de desconhecidos, Acácio recebeu um telefonema de uma pequena empresa. O proprietário revelou que tinha um problema — e ele vibrou.

Era o seu primeiro caso e precisava ser eficiente. Esperançoso e confiante em seus conhecimentos teóricos, foi até a empresa. Logo viu que era pequena, com pouca estrutura, necessitada de quase tudo, e aquele caso podia não ser grande coisa. Mesmo assim, chegou sorridente.

O caso. A empresa tinha um crédito de outra, com mais potencial econômico, mas pouca vontade de pagar. Tinha sede numa cidade vizinha e não atendia aos telefonemas, não respondia às correspondências, não recebia interlocutores.

Aquele crédito, se pago, daria um impulso considerável à empresa credora, que inclusive tivera que adquirir produtos para atender ao pedido da outra.

Acácio ouviu e, enquanto ouvia, pensava em respostas, alternativas possíveis, algum caminho de solução. Mas não conseguia pensar em nada. Não lhe ocorria outra coisa a não ser a execução forçada.

— Não — disse o proprietário. — Eu quero resolver isto fora do Forum.

— Mas...

— São muito espertos, ladinos. Crescem assim, passando a perna nos outros.

— Mas...

— Eu preciso deste dinheiro. É um valor alto. Com ele na mão eu melhoro muito a vida da minha empresa.

— Podemos, então, conversar com eles.

— Não adianta. Não adianta. Já fiz muitas tentativas, eles escolhem para quem pagar. Parece até que a gente não está na lista...

— Podemos tentar mais uma vez.

Depois de um tempo, o cliente olhou para Acácio, que se sentia no vácuo. Tinha sugerido novo encontro por falta de alternativa.

— Bom... quem sabe eles amolecem eu indo lá com um advogado.

Acácio se encheu de valor. Sentiu que, já no primeiro caso, o Curso de Direito valera a pena. Só a sua presença podia trazer uma solução a uma questão enferrujada. Poderiam estar ali seus primeiros e bem-vindos honorários.

Combinaram dia e hora. Acácio chegou antes do horário, de terno e gravata. Tinha em mente que a aparência podia ajudar na boa acolhida e, quiçá, na facilitação da solução do caso.

Durante o trajeto até a cidade vizinha, a conversa girou sobre variados assuntos. Mas Acácio prestava pouca atenção e nem sequer via a paisagem. Estava absorto em encontrar argumentos e palavras para a satisfação do seu primeiro cliente. Poderia ser a porta para outros casos. E diria ao pai: “Estou me virando!”

Foram recebidos na portaria. A atendente tinha um semblante fechado, tenso. Acácio percebeu que era pessoa de mau humor. Decerto recebia inúmeros credores todo

dia e precisava despistar, impedir a entrada. Para isto, dava sempre a mesma explicação: “O Diretor não se encontra”.

Foi o que lhes disse.

Acácio se apressou em falar:

— Nós viemos fazer um acerto.

— ?

— O meu cliente tem uma dívida aí e quer acertar.

No instante em que ele olhou para o lado, talvez para verificar o número da chamada interna, o advogado deu uma piscadela para seu cliente, que estava sem entender a manobra.

Foram recebidos pelo Diretor.

Após as apresentações, Acácio logo esclareceu:

— Na verdade, a empresa do meu cliente não tem débito com a sua empresa, mas crédito. Viemos para fazer um acerto, até porque isto já se alonga por mais de dois anos...

O gerente sorriu. Para Acácio, era um despiste: ia dar alguma desculpa bem cara de pau. Ainda sorrindo, baixou a cabeça, mexeu uns papéis sobre a mesa, depois olhou para os visitantes. Fixou o advogado:

— Você foi muito esperto, viu?

Respirou fundo, quase um suspiro, depois expressou:

— Bem... agora não tem jeito. Vamos conversar.

Ao cabo da conversa, o cliente retornou com algum dinheiro na mão e cheques a compensar. Acácio ia receber os primeiros e tão esperados honorários.



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul — RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com).



## A quatro mãos(?)



**CONTO**

*"Não escuto....*

*Quando as solicitações, esperas e envios proliferam, ela, aquela simpática joaninha me olha, caminha pela folha e preciso ter paciência."*

**MÔNICA PALACIOS**

**N**ão escuto....

Quando as solicitações, esperas e envios proliferam, ela, aquela simpática joaninha me olha, caminha pela folha e preciso ter paciência.

Sim, somos amigos e companheiros na solitária tarefa da escrita.

Ela parece indiferente, embora, não o seja.

Falta um ponto... empaca. Sobra um acento gira e assim, conseguiu a maior proeza. Um corretor vivo, cheio de experiência e sabedoria.

Não vacilem, é a pura e definitiva verdade.

Estamos sendo invadidos pela tecnologia mas, há seres que nos observam, enviam mensagens sutis e diretas.

Esta joaninha parece muito excepcional. Não gosta quando escrevo no caderno.... utiliza o espiral como looping, mas, no sulfite, branco, parece se deslizar como nas dunas brancas do deserto brasileiro.

Bom, programei usar lápis de cor, preciso descobrir se existe consciência de cor, assim como também, altos e baixos relevos.

Tudo parece infantil, pouco transcendente. Só agora lhes revelarei o segredo dela: nasceu dentro de um ovo que chegou da Rússia, sim, vermelho de tamanho médio. Pintado por Dona Valeska Putiloska, artista reconhecida em St. Petersburgo.

Sobreviveu aos alavancos da caixa que estava acomodada lá em cima, no compartimento alto do avião. Mesmo assim, cansada e perdida no fuso, indica os erros, sugere um ponto, elimina uma vírgula e até escolhe reticências para a próxima história que pronto, muito em breve, vocês irão conhecer.

A grande dúvida ou curiosidade será decifrar a nova história. Confio na magia da palavra, dos pensamentos e da emoção. Não nos abandonem, será uma árdua tarefa, mas, vai valer o esforço.

A família de Joaninhas tem experiências únicas, morar nessa imensidão de país, quase continente, tudo é rigorosamente respeitado e cada uma delas também cumprem o seu rol. Existem poucas fotografias embora alguém tenha pintado seu entorno e até parece que a vida é bela e animada na comunidade.

Um abraço com movimentos precisos da Joaninha.

### **Mónica Palacios**

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.



## **A Gata de Schrödinger**



### **CONTO**

*"Minha gata Agatha Christie é muito carinhosa. Basta eu me sentar em frente da TV que ela pula e se aninha no meu colo. Entretanto, ela deve ter algum trauma."*

**B. B. JENITEZ**

**M**inha gata Agatha Christie é muito carinhosa. Basta eu me sentar em frente da TV que ela pula e se aninha no meu colo. Entretanto, ela deve ter algum trauma. Dado que eu a adotei naquela loja de pets do Ribeirão Shopping, e ela tinha já alguns meses de idade, não posso saber o que lhe aconteceu quando filhote, o que poderia tê-la traumatizado tanto. Basicamente ela tem medo, muito medo, de caixas.

Eu não havia percebido isso até recentemente, quando tentei colocá-la em uma caixa de papelão. Afinal, me disseram que gatos adoram dormir em caixas. Mas não a Agatha. Saí todo arranhado dessa experiência, e a caixa ficou no chão da sala, vazia. Agatha, quando andava, desviava da caixa, sempre a olhando desconfiada.

Pensei em fazer um experimento. Consegui uma fonte radioativa de Césio-137 de baixa intensidade e um detetor de radiação do laboratório de ensino do Departamento de Física onde trabalho. Colei-os frente a frente nas paredes da caixa de papelão. Conectei o detetor a um alimentador capaz de soltar pelotas de ração de gato. Esqueci de dizer que a caixa de papelão podia ser fechada com as abas de cima. Minha ideia era simples: eu queria que Agatha se acostumassem a comera apenas dentro da caixa, de forma intermitente controlada pela fonte radioativa.

Não, eu não estou querendo ser malvado com minha gata, pelo contrário. É um tipo de terapia cognitiva-comportamental a fim de que ela se livre desse trauma de caixas. Assim, primeiro deitei a caixa de lado, coloquei seu pote de comida de modo que ela pudesse vê-lo, e esperei.

Ela circulou, circulou em torno da caixa e no final entrou e comeu em seu pote. Esse foi o primeiro passo, um sucesso. No passo seguinte, coloquei a caixa na posição normal, de modo que ela teria que pular para dentro dela. Como só havia comida dentro da caixa, ela acabou fazendo isso depois de algum tempo. De novo, não sou um tutor malvado, sou um tutor psicólogo que quer ver sua gatinha feliz.

O terceiro passo foi colocar em ação o detetor e o alimentador. Com a caixa aberta, percebi que tudo funcionava bem: de vez em quando o detetor era acionado pela fonte radioativa e o alimentador soltava uma pelota da ração preferida de Agatha em seu pote. Acho que Agatha estranhou um pouco ter que ficar esperando a comida cair uma pelota por vez, mas logo se acostumou com isso.

O último passo era o mais difícil: para eliminar todo o trauma, Agatha deveria dormir dentro da caixa fechada. Bom, ela já não tinha medo da caixa, portanto eu fechei sua tampa na hora de dormir. Ela não miou, não arranhou a tampa, nada, então conclui que ela estava bem, apenas esperando sua comida cair no pote. Eu estava bastante cansado depois de tudo que havia feito nesse dia. Também fui dormir, pensando em abrir a caixa bem cedo no dia seguinte.

Eu não acreditava que efeitos quânticos pudessem ocorrer com gatos de verdade e caixas de papelão. Eu apenas troquei o frasco de veneno do experimento de Schrödinger por um alimentador de gatos, e minha gatinha não corria o risco de ficar meio viva, meio morta, em um estado de superposição quântica.

Pensando nessas coisas, fui logo cedo libertar Agatha de sua caixa. Qual foi minha surpresa ao ver a tampa da caixa aberta, e minha gatinha toda alegre se alimentando. Minha conclusão é que, em um estado de superposição quântica meio-satisfeito meio-



com fome, a sensação subjetiva da consciência do gato é sempre ter fome. Neste caso, a melhor opção é abrir a caixa de Schrödinger por dentro e fazer a função de onda colapsar, como fez minha esperta gatinha.



**B. B. Jenitez** é o pseudônimo de **Osame Kinouchi Filho**. Natural de Araraquara - SP, é professor associado (livre-docente) no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Editora Multifoco, *Projeto Mulah de Tróia* (2016) pela Drago Editorial, *Demiurgo: Deus e Acaso* (2020) e *Projeto Mulah de Tróia 2* (2020). Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O Livro da Ficção Científica Brasileira* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O Espantoso Mundo da Antecipação* (Elemental Editoração), *Ano Zero* (Lura Editorial), *Almas Fabricadas* (Madrepérola) e *Passaporte Atemporal* (Carnage).



## *O Sacrifício de Palluq*

**CONTO**

*"As nevascas haviam coberto as florestas de coníferas e, das árvores, restavam somente seus últimos ramos, brancos e vergados."*

**ROBERTO SCHIMA**

Canadá.  
Rio Mackenzie.  
Território de Yukon.

A neve fustigava inclemente.

O vento uivava do alto das montanhas.

Um velho alce fugia em vão de uma alcatéia.

Ursos faziam suas últimas refeições antes de hibernar.

Era final de outono e os dias tornavam-se cada vez mais curtos.

As nevascas haviam coberto as florestas de coníferas e, das árvores, restavam somente seus últimos ramos, brancos e vergados.

Em sua cabana, Palluq morria de preocupação, embora não demonstrasse a fim de não afligir seu filho, Tupeq. Fazia muito tempo que o marido, Ukaleq, saíra para caçar no Mar de Beaufort. Já deveria ter retornado. Ukaleq era um *inuk* à moda antiga. Repudiava as tecnologias e facilidades do mundo dos brancos, considerando-as uma faca de dois gumes, pois não somente fazia os *inuit* dependerem eternamente dos produtos industrializados, como tornava-os preguiçosos, ignorantes de sua tradição, cultura e conhecimento milenares. Transformaram seu povo em bêbados perdidos em seu próprio mundo, o que se refletia na alta taxa de suicídios.

— Se Ukaleq tem de morrer — costumava dizer — que seja entre os dentes de *aarluk*.

Saíra para caçar focas com sua parrelha de cães fazia três semanas. Cavaria buracos no mar congelado para suas presas respirar. Passaria horas imóvel, aguardando, e, assim que uma delas subisse, arpoá-la-ia. Em seguida, agradeceria cerimoniosamente à foca, por esta haver entregue sua vida para que a família de Ukaleq não passasse fome.

Porém, uma semana após a partida de Ukaleq, sucessivas tempestades de neve caíram sobre a região. Tudo ficou coberto por um nevoeiro branco e espesso que não permitia ver um palmo adiante do nariz.

— Papai está bem, não está? — perguntou Tupeq, adivinhando-lhe a preocupação.

— Claro que está — respondeu ela, enquanto costurava uma bota à luz da lareira.

— Ele é homem experiente. Deve estar dormindo agora, depois de se lambuzar em gordura de baleia feito criança.

Queria ela crer nas próprias palavras.

"Ukaleq não levou o rádio."

Ao completar um mês desde a partida do marido, Palluq não conseguiu mais ocultar sua aflição.

Tupeq, um *inuk* de dezesseis anos habituado a *videogames* e *folk music*, bateu no peito.

— Vou procurá-lo!

Ela piscou repetidas vezes os seus olhos amendoados.

— Ficou louco? Já chega um perdido!

— Peço a motoneve de Tulimak emprestada.

— E irá começar por onde, Tupeq? Sabe exatamente aonde seu pai foi? Consegue se orientar pelas estrelas? Já fez um abrigo no gelo?

Tupeq ficou exasperado.

— Mas precisamos fazer algo, mãe!

Nenhuma equipe de busca seria enviada num tempo como aquele e, ao observar as sombras sinistras do outro lado da janela, Palluq era toda maus presságios. Ela também vinha de uma família tradicional, acreditava e temia os espíritos — *inuas* —, respeitava os mais idosos, aprendera muito com sua mãe e avó. Mas tanto ela quanto Ukaleq pertenciam a uma espécie em extinção. Eram vozes sem eco em um mundo sedento por modernidade e consumismo. A maior concessão que Ukaleq fizera em relação aos hábitos dos brancos e da qual Palluq nunca lamentara fora a de ter somente uma esposa e jamais oferecê-la a um visitante. Disso ela seria sempre agradecida e sempre fiel. Já rezara ao Deus da bondade cristão e implorara às cruéis divindades *inuit*, especialmente àquela responsável pelo clima, *Silap Inua*. Não obtivera qualquer sinal de ambos. E o vendaval dizia-lhe que cada minuto contava. Então, recordou-se das histórias de sua avó sobre um lugar, um vale, uma floresta tenebrosa, habitada por espíritos sombrios, *tuurngait*. E se fosse até lá clamar por auxílio? Nunca ouvira falar de alguém que tivesse feito isso antes. Sua avó dizia que todos aqueles que penetraram na floresta desapareceram. Palluq não ousaria ofender os *inuas*. Permaneceria fora dos limites da floresta.

— Tupeq, vá ver Tulimak e traga a motoneve. Vamos viajar.

— Procurar papai? — indagou, entusiasmado.

Ela fitou-o e o olhar da mãe deu calafrios em Tupeq.

Palluq falou:

— Vamos até A Floresta das Almas Perdidas.

Apesar de jovem, Tupeq ouvira falar em tal lugar. E, embora não fosse supersticioso, sentiu-se inquieto por dentro, como um verme a revolver suas entranhas, querendo sair.

A viagem levou duas horas enregelantes.

Quanto mais se aproximavam do vale, mais assustador ficava o céu.

Nuvens escuras acumulavam-se gradualmente.

A ventania tornava-se mais furiosa.

Animais silenciavam.

Três coisas chamaram mais a atenção de Tupeq.

A primeira foram as árvores. Os pinheiros, abundantes no território, foram escasseando a medida em que se aproximavam. Foram substituídos por árvores estranhas, baixas, tortas, galhos retorcidos e folhagem enegrecida. Nunca vira árvores assim tão horríveis.

A segunda foi a neve. Ela diminuía, apesar da temperatura permanecer a mesma. Era como se evitasse cair na mencionada floresta.

A terceira foi o nevoeiro. Ao contrário da neve, ele parecia concentrar-se no vale, entremear-se entre às árvores funestas, dando a região um aspecto de irrealidade. Movia-se de modo estranho, deslizando lenta ou rapidamente, contrário a vontade do vento, formando desenhos sinuosos e vultos difusos.

Estacionaram a algumas dezenas de metros da beirada da floresta.

O ar era mais denso por ali; a quietude, aterradora.

"Não é um lugar para os vivos!", pensou o adolescente. Teve receio do que viria a seguir, o que a mãe iria desejar que ele fizesse, mas, para seu alívio, Palluq disse:

— Fique aqui.

Ela apanhou um pacote e foi em direção à floresta.

Tupeq ficou alarmado.

— Mãe!

— Fique aqui! — insistiu ela. — Espere eu voltar.

— Mas...

A mulher ignorou-o. Levou o pacote reverentemente sobre os braços estendidos e andou com dificuldade até a margem da Floresta das Almas Perdidas. A bem da verdade, Palluq não tinha idéia de como proceder. Fora movida pelo desespero. Trouxera o que restara de seu estoque de carne de foca como oferenda, mas não sabia se os espíritos da floresta interpretariam isso como um gesto de boa vontade ou uma ofensa. Que razão teria ela para acreditar que existiam? E, existindo, por que atenderiam ao seu chamado? E, se viessem, por qual razão iriam ajudá-la? O que sua avó dizia sobre A Floresta das Almas Perdidas?

"Ela engole quem se aproxima!"

"Fantasmas perambulam entre as árvores."

"Ai daquele que se atrever a perturbar seu sossego."

Agora era tarde demais para recuar. Tinha de fazê-lo. Por Ukaleq.

Quando estava no final da neve e nas proximidades da floresta, ajoelhou-se. Não soube explicar porque o fez. Pareceu-lhe apropriado. Misturava costumes pagãos e cristãos e quem poderia culpá-la por isso? Havia séculos, os missionários confundiram as mentes dos *inuit* e trabalharam na destruição de suas crenças e costumes. O sucesso não fora completo, mas trouxera mudanças profundas e uma tremenda desordem espiritual.

Entretanto, pelo pouco que sabia e o que tudo indicava, estava diante de divindades *inuit*. Assim, tomou outra decisão: a de dirigir-se a elas em seu antigo dialeto.

Tupeq a tudo assistiu aterrorizado. Fitava as copas das árvores que se sobressaíam acima da cerração. Não passavam de dedos esqueléticos com tufo de folhagem escura. Barbas-de-velho pendiam dali e de lá, um musgo espesso cobria o chão e os troncos enrugados. O vento trazia frases esparsas ditas por sua mãe num misto de declamação e cântico. "Só faltou o xamã e os mais idosos para completar o ritual", pensou sem sarcasmo. E escutou:

— "... Perdoe-me... Por favor... meu marido... perdido... ajuda... a minha vida..."

Muita coisa ele não compreendeu por ela utilizar o linguajar antigo, mas do que pôde ouvir e apreender, ficou claro o significado: além da carne de foca que trouxera, Palluq oferecia a própria vida em troca da vida do marido.

— Mãe! — gritou.

Nesse instante, algo aconteceu.

Principiou como um silvo longo a cortar a floresta e perder-se nas montanhas. Depois, surgiu o vento: um redemoinho que fez agitar o nevoeiro. Milhares de folhas foram arrancadas. Sombras se adensaram. Vultos surgiram e flutuaram pela névoa cinzenta. Não possuíam formas definidas. Tornavam-se mais escuros ou mais tênues. Não se tratava de sombras comuns: havia um tipo de consciência.

No centro daquela atividade extraordinária, Palluq tornara-se insignificante. O capuz de seu casaco caíra de sua cabeça e seus cabelos agitavam-se sob a tormenta. Ela depositou o embrulho na neve e, de mãos erguidas, continuou a suplicar.

O adolescente não mais conseguia ouvi-la, mas correu em sua direção. Viu horrorizado uma coisa enorme e escura tomar forma e o corpo da mãe ser erguido. Pulou e segurou-a pelas pernas, trazendo-a de volta ao chão.

O som do vento compunha-se de milhares de vozes falando e gritando simultaneamente.

"As almas perdidas", foi o que Tupeq conseguiu pensar antes de desfalecer.

Foi despertado algum tempo depois por tapas leves em seu rosto.

— Tupeq!

Ele sobressaltou-se.

— Mãe! O que houve?

— Você viu os espíritos dos antigos?

— *Tuurngait!*

— Não, não malignos. Você viu?

Embora tivesse a fisionomia branda, a voz de Palluq tremia.

O filho balançou a cabeça violentamente.

— Eu vi umas coisas — respondeu, apavorado —, mas não me disseram os nomes e nem quero saber!

Arrastou-a daquele lugar de pesadelos.

Então, ambos perceberam: o pacote de carne de foca sumira.

O caminho de volta pareceu demorar mais do que a ida.

O cérebro de Tupeq tentava entender o que presenciara, todavia, ia de encontro a tudo o que conhecia ou acreditava. Se fora real, os outros mitos *inuit* também seriam? *Sedna? Taquiup? Nujalik? Kigatilik?* Eram perguntas retóricas. Tupeq não queria saber. Só desejava retornar para o vilarejo e esquecer.

Quando já estavam perto de seu destino, foram pegos de surpresa por uma nevasca. Com dificuldade, Tupec guiou a motoneve por entre as árvores até alcançar a sua cabana.

Lá uma nova surpresa os aguardava.

Palluq arregalou os olhos, sem crer no que via.

— Ukaleq!

Cambaleante, correu pela neve aos braços do marido.

— Minha Palluq!

Esfregaram seus narizes um de encontro ao outro.

O garoto aproximou-se, pasmo.

— Pai, o que houve?

O *inuk*, retirou seus óculos de neve, coçou o queixo.

— Eu... não sei! Estava perdido no gelo. Uma fenda levou meus cães. Não pude voltar. Então, surgiu o vento negro... e desmaiei.

O vento tornou-se mais forte ao redor deles.

Abraçaram-se.

Do interior daquele vento, a penumbra tornou-se mais escura até tomar forma.

Amedrontados, distinguiram os vultos de um homem e uma mulher.

E a voz foi ouvida dentro de suas cabeças:

"*Palluq, já fomos humanos um dia. Bem sabemos que o amor genuíno não tem preço.*"

Por falar em preço...

— Eu prometi-lhes a minha vida — disse a mulher.

*"Não, Palluq, você prometeu dar a sua vida por seu marido."*

— Sim, mas...

*"Você tem feito isso há muito tempo... Assim como nós fizemos. Adeus!"*

Antes de sumirem por completo, ainda escutaram uma voz masculina:

*"Vamos, minha guaxinim..."*

E uma voz feminina:

*"Vamos, meu ursinho panda."*

E desapareceram.

A ventania se foi.

A neve deixou de cair.

No lugar do redemoinho:

— Veja, mãe, o seu pacote de carne de foca!

A mulher anuiu.

— Acho que não precisaram dele.

O experiente Ukaleq murmurou:

— Panda... Guaxinim... Lembro-me da história! Era um casal que se amava, porém, o pai da moça proibira o relacionamento. Foram os últimos a desaparecerem na Floresta das Almas Perdidas... Minha nossa, vocês estiveram lá?!

Palluq riu.

Ukaleq sentiu-se contrariado.

— O que foi, mulher?

— Cale-se, meu marido, e ajude-me a levar a carne para dentro. Farei um ensopado para nós.

E os três, felizes, adentraram à cabana.

Havia perguntas demais e agradecimentos de menos.

Palluq cuidaria de reverter isso.

Da terra das baleias e dos ursos polares, essa foi apenas mais uma história mágica em um mundo imerso na magia. E, não obstante a influência do homem branco e sua dúbia civilização, certas coisas continuariam tão intocáveis e imorredouras quanto as magníficas luzes do norte.

O outono terminou dando lugar a grande noite invernal.

Ursos entraram em hibernação até a primavera.

Restos de um alce congelou-se no chão.

O vento rugiu pelas montanhas.

A neve prosseguiu a cair.

Território de Yukon.

Rio Mackenzie.

Canadá.

\*\*\*

**NOTA DO AUTOR:**

Conto publicado originalmente no livro "Atmosfera Fantasma", vol. 2 (Círculo Soturnos, 2021), organizado por Sr. Arcano. A história é ambientada no mesmo universo de "A Floresta das Almas Perdidas", "Conexão Literatura" nº 39, pág. 66.

<https://www.soturnos.com/product-page/atmosferafantasma2>

[http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao\\_literatura39.pdf](http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura39.pdf)



**Roberto Schima:** Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de duzentas e nove antologias até o momento. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br). Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoaliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>




# MÍDIA KIT

## Opções para divulgação



Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale

### ✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 200 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35

### ✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

### ✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

### ✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral de todas as páginas do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

### ✓ OPÇÃO 5

Banner clicável no topo (ótima visualização) em todas as páginas do site. Formato (dimensões): 468 x 90, em jpg ou png.

- Duração: 01 mês

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 200

### ✓ OPÇÃO 6

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

### ✓ OPÇÃO 7

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais Facebook e Instagram. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: [www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura) e na lateral de todas as páginas do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) - Portugal= € 500



Já são mais de  
**421 mil seguidores**  
Facebook + Instagram + Youtube



Acesse o QR Code e  
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de  
**3 milhões de acessos**  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



Ademir Pascale  
Escritor e Editor

PATROCINE A

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS  
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015  
93 edições  
disponíveis

entre em contato:  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
01.04.2023

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

**Youtube:** @conexaonerd